



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS – LÍNGUA INGLESA

MARILIA GABRIELA FERNANDES MORAIS

O MORRO DOS VENTOS UIVANTES: UM BILDUNGSROMAN FEMININO

Cajazeiras – PB

2021

MARILIA GABRIELA FERNANDES MORAIS

O MORRO DOS VENTOS UIVANTES: UM BILDUNGSROMAN FEMININO

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Letras – Língua Inglesa, do Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal de Campina Grande – *Campus de Cajazeiras*, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras – Língua Inglesa.

Orientador: Profa. Dra. Daise Lilian Fonseca Dias.

Área de Concentração: Estudos Literários

Cajazeiras – PB

2021

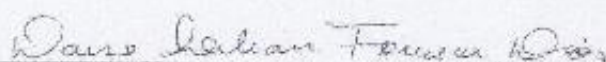


M827m	<p>Morais, Marília Gabriela Fernandes. O morro dos Ventos Uivantes: um Bildungsroman feminino / Marília Gabriela Fernandes Moraes. - Cajazeiras, 2021. 64f. : il. Color. Bibliografia.</p> <p>Orientadora: Profa. Dra. Daise Lilian Fonseca Dias. Monografia (Licenciatura em Letras- Língua Inglesa) UFCG/CFP, 2021.</p> <p>1. Análise literária. 2.Literatura Inglesa. 3.O morro dos Ventos Uivantes. 4. Bildungsroman feminino. 5. Prática de Emily Brante. 6. Cathy e Heathcliff. I. Dias, Daise Lilian Fonseca. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.</p> <p>BS/CFP/UFCG</p> <p>CDU – 82.09</p>
-------	--

FOLHA DE APROVAÇÃO

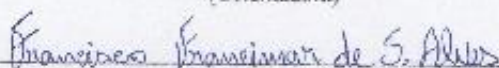
Banca Examinadora

Monografia aprovada em 24/05/2021



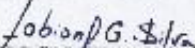
Prof.ª Dra. Daise Lillian Fonseca Dias

(Orientadora)



Prof. Dr. Francisco Francimar de Sousa Alves

(Examinador interno - UFCG)



Prof. Me. Fabiane Gomes da Silva

(Examinador interno - UFCG)

Prof. Me. Luciana Parnaiha de Castro

(Suplente - UFCG)

A todas as mulheres
transgressoras da
história, que fazem e
fizeram literatura.
Dedico!

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a minha avó, Raimunda Vicência Torres (*in memoriam*), que na minha vida foi sinônimo de coragem, força e amor, que me guiou durante toda a minha jornada.

Ao meu pai, José Evilázaro de Moraes, sendo sinônimo de força, resiliência, o meu incentivo de todos os dias, o melhor pai que alguém poderia ter, juntamente com a minha mãe Liduina Fernandes Moreira, sendo a minha maior influência feminina, impedindo-me desistir durante toda a minha jornada e me apoiando em tudo. Obrigada, por não ter me deixado desistir e ter me formado como pessoa.

Agradeço aos meus irmãos e companheiros de vida, Leandro Vinicius Fernandes de Moraes e Túlio Cesar Fernandes de Moraes, por me acompanharem, aconselharem, apoiarem e incentivarem durante toda essa jornada. Pelo apoio nos fracassos e vibrações nas vitórias, o companheirismo de uma vida toda.

Aos meus tios, tias, primos e primas que mesmo distantes, me apoiaram e me incentivaram, me dando força para continuar, em especial a Genilma Oelane Moraes da Silva, Elionara Aline, Gessione Moraes da Silva e Edson Fernandes Moreira, que constantemente me incentivam a ser mais e a buscar por mais.

Ao meu namorado e melhor amigo Diego de Sousa Vieira, segurou na minha mão em todos os momentos difíceis, e me acompanhou nessa jornada, me dando o carinho e a força necessária para continuar sempre estando ao meu lado. Te amo infinitamente.

Aos meus companheiros de luta, que estão e estavam comigo durante todo o percurso universitário os quais vou levar para a vida, em especial minha “panelinha”, composta por Vanessa Fernandes, Aline Vanara, Raphael Albuquerque, Janielly Linhares, Jessica Sousa, Wellington Junior. Obrigada pelas conversas, acolhimento, paciência e amor que me ofereçam durante esse percurso.

Agradeço a minha orientadora, Daise Lillian de Fonseca Dias, por me ajudar, incentivar e me acompanhar por toda pesquisa, dando o apoio necessário para seguir na pesquisa e o incentivo para persistir na profissão, compartilhando seu amor pela literatura.

Agradeço a todos os meus professores, pelos ensinamentos e me formar durante esses quatro anos, compartilhando o conhecimento e contribuindo significativamente para o meu desenvolvimento como profissional e estudante. Em especial, agradeço à minha orientadora por

todo o compartilhamento de conhecimento, conversas, carinho e paciência que teve durante todo o percurso de escrita e pesquisa deste trabalho.

Por fim, agradeço a todos que fizeram e fazem parte do meu dia-a-dia e me ajudam e incentivam a torna-se uma pessoa melhor, e que indiretamente me ajudaram a concluir essa jornada.

“Tranque as bibliotecas, se quiser; mas não há portões, nem fechaduras, nem cadeados com os quais você conseguirá trancar a liberdade do meu pensamento.”

Virginia Wolf

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo analisar *O morro dos Ventos Uivantes* (1847) da autora inglesa Emily Brontë (1818-1848), na perspectiva do *Bildungsroman* feminino, isto é, do Romance de Formação de autoria feminina, destacando a jornada da infância, à adolescência e a vida adulta de dois protagonistas, Cathy e Heathcliff. Esta obra é um *Bildungsroman* duplo, ou seja, fugindo da tradição masculina e feminina de até então, uma vez que a autora se debruça sobre o conturbado processo de amadurecimento de dois protagonistas, Cathy e Heathcliff, enquanto mulher e homem, e isto é construído tanto em termos de raça, classe quanto de gênero, especialmente por ele ser um pobre imigrante estrangeiro de pele escura e ela uma inglesa branca e de classe elevada. Para tanto, utilizamos de uma pesquisa qualitativa, de natureza bibliográfica, contaremos com o aporte teórico de Gilbert e Gubar (1996), Woolf (1882), Showalter (1977), Mass (2000), Pinto (1992), Godman (1983), dentre outros, na análise também de questões relacionadas à *bildung*/formação intelectual, cultural e sexual dos protagonistas. Além disso, será abordado a literatura feminista no contexto do século XIX, e as dificuldades das escritoras na produção de suas obras, muitas das quais se tornaram canônicas, como *O morro dos Ventos Uivantes*, e a trajetória de Emily Brontë no processo de produção de seu romance, assim como suas irmãs, as quais mudaram o cenário literário inglês e ocidental, construindo uma tradição literária de autoria feminina. Esta pesquisa é original porque analisa o romance em foco na perspectiva do *Bildungsroman* feminino, visto que poucos textos foram encontrados sobre esta questão, de sorte que aqui serão lançadas luzes sobre o clássico de Brontë que ajudarão a entendê-lo de um ponto de vista diferente.

PALAVRAS – CHAVE: Literatura, Bildungsroman, Feminismo, Sociedade.

ABSTRACT

This research aims at analyzing *Wuthering Heights* (1847) by the English writer Emily Brontë (1818-1848), from the perspective of the female *Bildungsroman*, that is, the Novel of Formation of female authorship, highlighting the protagonist's journey from childhood to teenagerhood and adult life. This novel is the first double *Bildungsroman*, that is, moving away from the male and female traditions of the genre so far, the writer focuses on the controversial process of maturity of both protagonists, Cathy and Heathcliff, as a woman and as a man, and that is built in terms of race, class and gender, especially because he is a poor immigrant of dark skin, while she is white, English and of high middle class. For that we use qualitative research, of bibliographic nature, we will count on the theoretical contribution of we will have the theoretical support of Gilbert e Gubar (1996), Woolf (1882), Showalter (1977), Mass (2000), Pinto (1992), Goodman (1993), among others, also to analyse issues related to the intellectual, cultural and sexual bildung/formation of the protagonists. Besides, it will be discussed the feminist literature in the context of the 19th century, and the difficulties the female writers had in the production of their works, many of them became canonic, such as *Wuthering Heights* itself, and the trajectory of Emily Brontë in the process of production of her novel, as well as her sisters, who changed the English and the Western literary scene, for building a literary tradition of female authorship. This is a original research for it analyzes the novel in focus from the perspective of the female *Bildungsroman*, since few text was found on this issue, so here lights will be thrown on Brontë's classic that help understand it from a different point of view.

KEY WORDS: Literature, Bildungsroman, Feminismo, Sociedade.

SUMÁRIO

2. INTRODUÇÃO	20
1.1 Panorama da pesquisa	20
1.2 Aspectos da pesquisa	21
3. ELEMENTOS DA POÉTICA DE EMILY BRONTË.....	21
2.1 Aspectos da produção literária feminina no século XIX	21
2.2 A trajetória de Emily Brontë até a construção de O morro dos ventos uivantes.....	25
4. BILDUNGSROMAN (FEMININO) EM PERSPECTIVA	27
3.1 O <i>BILDUNGSROMAN</i> : ASPECTOS DA CONSTITUIÇÃO DO GÊNERO TRADICIONAL MASCULINO	27
3.2 O <i>Bildungsroman</i> feminino	35
5. ASPECTOS DO BILDUNGSROMAN DUPLO EM O MORRO DOS VENTOS UIVANTES	43
4.1 Cathy e Heathcliff: formação de raça, classe e gênero	43
4.2 Cathy e Heathcliff: formação na vida adulta	50
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	56
7. REFERÊNCIAS	57

1. INTRODUÇÃO

1.1 Panorama da pesquisa

Por muitos séculos, as mulheres tiveram seus papéis pré-definidos na sociedade patriarcal, sendo por muito tempo subalternizadas, e a elas foi negado o poder de escrever, estudar e ter direitos básicos. Restritas ao papel de zeladora do lar, que as limitava de diversas formas no século XIX, autoras como Emilly Brontë apresenta-se como transgressora, problematizando tal papel e indo além, construindo parte da base da formação da literatura de autoria feminina, que posteriormente se tornaria canônica.

A força de Brontë é conhecida através de *O morro dos ventos uivantes* [Wuthering Heights], seu único romance, publicado em 1847, e conta a história de Cathy e Heathcliff e o processo de formação de ambos, ou seja, a *bildung* (formação) deles, além da construção de seu amor proibido, durante à infância até a vida adulta. A trama se inicia com a viagem do pai de Cathy à cidade de Liverpool, fato que mudaria completamente a história da família Earnshaw, pois ele trará Heathcliff, um menino estrangeiro, de pele escura, aparentemente um cigano para viver em sua propriedade, como um dos seus dois filhos, Cathy e Hindley. Daí tem início o processo de formação sobretudo do casal de protagonistas, e isto ocorrerá a nível de raça, classe e gênero. A obra acompanha ambos na passagem de tempo da infância á adolescência e à vida adulta.

Esta pesquisa constitui uma fonte de ampliação das pesquisas em relação à narrativa, *O morro dos ventos uivantes*, em razão de sua contribuição, pois em nossas buscas, encontramos apenas um breve artigo de Goodman (1983) que menciona que este clássico da literatura inglesa é um *Bildungsroman* [Romance de Formação, em alemão]. Esta obra já foi analisada de diversas perspectivas, tais como, a gótica, a marxista, a feminista, a póscolonial, porém este estudo se apresenta como uma proposta de leitura baseada na teoria do Romance de Formação Feminino e suas características particulares, este sendo uma variante do Bildunsroman tradicional, isto é, o masculino. Além disso, também será analisada a importância e o contexto da literatura feminina, tendo como objetivo específico, a análise da obra no romance de formação duplo, de ambos os protagonistas.

1.2 Aspectos da pesquisa

A disposição para a análise de tal obra, veio a partir dos estudos na disciplina Literatura Inglesa Narrativa, quando a professora Daise Lilian mencionou que esta obra não havia sido muito analisada na perspectiva do *Bildungsroman*. Assim, optamos por *O morro dos ventos uivantes* como a obra a ser trabalhada no nosso Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) e escolhemos este viés crítico-teórico para analisá-lo.

Esta pesquisa está dividida em três seções. Inicialmente abordará a trajetória de Emily Brontë e suas irmãs no processo de criação literária, tomando como base o contexto das mulheres no processo de formação de uma literatura de autoria feminina, as dificuldades e as lutas pelos direitos durante o tempo. Em seguida, serão apresentados aspectos da poética da autora e o contexto de escrita do seu romance. Na segunda seção, discutimos a teoria em sua forma tradicional/masculina, dando ênfase em sua releitura feminina. A terceira seção contempla a análise da obra, com destaque para o processo de *bildung*/formação de ambos os protagonistas, fato inédito até então, visto que os autores se debruçavam apenas sobre um herói ou uma heroína.

Para realização de toda a pesquisa, utilizei como fundamentação teórica autores como Flora (2005), Maas (2000), Dias (2011), Freitas (2016), que discutiram o *Bildungsroman*, em sua forma tradicional e em sua releitura feminina, também foi utilizado Woolf (2012), Goodman (1983), Schwants (2007), para posteriormente análise da obra na perspectiva do *Bildungsroman*. Utilizando de revisão bibliográfica para toda a construção da pesquisa, sendo os autores citados fundamentais para aporte teórico.

Esta pesquisa foi realizada quase 200 anos após a escrita de *O morro dos ventos uivantes* e, mesmo com a passagem do tempo, esta obra continua a ser desvelada em suas muitas possibilidades de interpretação, sendo esta uma característica de uma obra clássica.

2. ELEMENTOS DA POÉTICA DE EMILY BRONTË

Esta seção está destinada a discutir brevemente o desenvolvimento da mulher dentro da literatura, ao longo dos séculos, colocando em debate principal, a importância e a vida de Emily Brontë e de suas irmãs, evidenciando como os seus principais romances mudaram a literatura moderna e a chamada “literatura feminina”, além de ser uma das primeiras mulheres a fazer romance no gênero gótico e que se tornaria canônico.

2.1 Aspectos da produção literária feminina no século XIX

Ao logo da história, mulheres foram impedidas de ocupar determinados espaços dentro da sociedade, principalmente aqueles tidos como “intelectuais” “e “masculinos “. Pelas predeterminações de espaços sociais, a mulher deveria ser “O anjo do lar “, como o próprio título do poema do inglês Coventry Patmore ensejava em 1854, dessa forma, deverá ter uma conduta perfeita, fato visto sendo quase inerente ao sexo feminino, ou seja, um papel de servidão e de amor incondicional ao seu esposo e ao lar, e que seus desejos não deveriam se sobressair aos dele, e os dela sempre limitados pela sociedade.

Os espaços políticos e acadêmicos, eram totalmente ocupados por homens que faziam leis e mantinham o estado patriarcal em pé, uma dessas leis, se referia ao patrimônio das mulheres e a posse desse patrimônio. A mulher, portanto, não dispunha de direito à propriedade, nem ao divórcio, nem à guarda dos filhos. Na verdade, até o século XIX, ela era ainda uma espécie de “moeda de troca” entre os homens, no contexto do casamento, o que dificultava cada vez mais a produção de ficção feminina, pois como Woolf (2014. P. 12) pontua:

Uma mulher precisa ter dinheiro e uma mulher precisa ter dinheiro e um teto todo seu, um espaço próprio se quiser escrever ficção; e isso como vocês verão, deixa sem solução o grande problema da verdadeira natureza da mulher e da verdadeira natureza da ficção.

Dessa forma, Woolf expõe as limitações para as mulheres que tornavam a escrita feminina quase impossível de se realizar, visto que elas escreviam, em muitos casos, escondidas ou praticamente escondidas, como Jane Austen fez por muito tempo, produzindo na sala da casa, e escondendo os seus manuscritos com um mata-borrão.

Além disso, a educação feminina era escassa e praticamente voltada a questões domésticas, criando um estigma sob a chamada ‘literatura feminina’, isto fazia com que grandes autoras como George Eliot, Mary Shelly e a própria Emily Brontë a se distanciarem de qualquer tipo de escrita associada às mulheres.

Elaine Showalter (1977), em seu livro *A literature of their own*, em uma das obras mais importantes sobre o mercado editorial feminino, ressalta que na literatura feminina do século XIX (e XX) havia muito estigma dentro do nicho “literatura feminina “, pois o universo literário era um campo até então totalmente dominado por homens, os quais, por meio da crítica literária que faziam, davam a entender que tudo que saia de uma mulher seria relacionado a domesticidade, por causa dos acessos limitados dessas a outras esferas.

Assim, pelas limitadas experiências vividas pelas mulheres, como cita Wollstonecraft (2016), e pela disponibilidade que os homens tinham dentro da sociedade, tanto acadêmica, quanto de

experiências vividas, tornavam a literatura masculina mais “interessante” para a crítica. Porém, apesar de limitarem a escrita da feminina, e a aprisionarem a gêneros tidos como de nenhum valor literário e as limitações domésticas, a maioria da literatura de autoria feminina produzida no século XIX aborda justamente as limitações sofridas dentro da sociedade patriarcal, tanto de forma patrimonial, como de forma intelectual:

Liberte-as e rapidamente se tornarão sabias e virtuosas á medida que os homens se tornam também; pois o aperfeiçoamento tem que ser mútuo ou a injustiça que a metade da humana é obrigada a se submeter, retrucando seus opressores, a virtude dos homens será devorada pelo inseto que mantém sob seus pés. (WOLLSTONECRAFT, 2016, p.186).

Nesse cenário, havia também o papel contraditório da figura feminina dentro da literatura, como cita Dias (2011), em relação às controvérsias quanto a imagem da mulher, as quais variavam de estereótipos, como a rainha do lar, o anjo do lar à feiticeira, bruxa, entre outros. Wolf (2014) também disserta sobre o assunto, ao fazer comparações com grandes figuras femininas controversas da literatura como Antígona, Cleópatra, sendo retratadas de forma importante e instigante dentro da ficção, enquanto as mulheres de sua época, não dispunham de liberdade para empreender os feitos dessas heroínas.

Wolf (2014, p.51) também discute a inferioridade que homens atribuíam às mulheres, em razão da suposta inferioridade intelectual delas: “[...] na inferioridade das mulheres, não estava preocupado com a inferioridade delas, mas com a sua própria superioridade. Era isso que ele estava protegendo[...], pois era para ele uma joia do mais raro valor.” Dessa forma, a mulher seria como um espelho, em que os homens poderiam enxergar seus defeitos e a si mesmos como realmente são, logo, as colocando em papel de inferioridade.

Gilbert e Gubar (1996), por sua vez, criticam o papel da mulher, e suas representações na literatura oitocentista, em que tinham uma vida difícil e eram desprovidas de direitos básicos, em sua maioria analfabetas e dependentes do pai ou marido, apesar das mulheres já dominarem a escrita de romances desde o final do século XVIII, evoluindo para o século XIX, sendo os nomes mais aclamados, autoras como, Ann Redcliff, Harriet Martieau, Georg Eliot e as próprias irmãs Brontë .

Dentre as autoras que iniciam essa tradição de autoria feminina, Jane Austen foi uma das autoras inglesas mais famosas no século XVIII, nascendo no ano de 1775, com pai sacerdote cristão e apreciador das artes, incentivador das produções teatrais que Austen fazia para entreter vizinhos e familiares. Pelas problemáticas já conhecidas no casamento, a autora escolheu não

se casar e ser independente financeiramente, sendo uma das primeiras autoras a conseguir sobreviver dos ganhos com a literatura.

Sua escrita é caracterizada pela ironia, humor e ascensão social pelo casamento. Jane Austen promove em suas obras, críticas a sociedade misógina e patriarcal da época, como por exemplo, o seu romance mais famoso, *Orgulho e preconceito* (1813), em que há uma ascensão por meio de Elisabeth á ‘elite’ da época. Austen inspirou-se no romancista inglês Samuel Richardson (1689 – 1761); há inclusive algumas referências dele nas obras. A veia satírica do autor foi adaptada para o contexto feminino de forma excepcional pela autora.

Após Austen, o próximo grande nome da tradição literária de autoria feminina que ora se formava foi Mary Shelley. Filha do escritor e filósofo Willian Godwin e da filósofa e autora Mary Wollstonecraft, ela teve uma infância recheada de literatura, sendo uma leitora de clássicos, desde muito cedo e ficando órfã por parte de mãe também muito cedo, porém herdou o talento da sua genitora, que foi uma importante precursora feminista das reivindicações de direito ao voto e estudo para mulheres, sendo uma das principais autoras de manifestos feministas, como *A vindication of the rights of women* (1792).

Mary Shelley foi primordial para a criação do gênero a “ficção científica”, com sua principal obra, o romance também gótico, *Frankenstein ou o Moderno Prometeus* (1818), provando que mulheres podem ir muito além do que pensavam à época, sobretudo porque

[...] é uma escritora que, exceção à regra, obteve grande reconhecimento de crítica e público ainda em vida, pois amealhou um vasto leque de gêneros literários em seu acervo de publicações, como contos, poesias, relatos de viagens e peças teatrais, fato que leva os teóricos literários a costumeiramente se referirem a ela como uma escritora prolífica, pois não se ateu a um estilo único de literatura, ao contrário, quis voar sempre por paisagens diferentes (IWAMI, 2016, p. 26).

A forma como ela, escreve além de consolidar o novo gênero, a ficção científica, demonstra que não necessariamente as mulheres precisam se ater a um gênero exclusivo ou limitar-se a uma única forma de escrita, e apesar do mercado editorial a “obrigar” a escolher um pseudônimo masculino, ela logo se apresentou como a verdadeira escritora, fato que causou incredulidade entre críticos. Em virtude de a autora ser uma mulher, também podemos ver durante sua carreira, algumas atribuições a sua obra e sua escrita, ao seu marido, que também era um grande escritor na época, o poeta Percy B. Shelly, pois era de consenso comum entre os editores, que nenhuma mulher conseguiria escrever tamanha preciosidade, especialmente sendo tão jovem, como ela, que tinha apenas 18 anos quando escreveu *Frankenstein*.

Após o grande feito de Mary Shelley, a literatura tomaria novos rumos com a chegada das irmãs Brontë ao mercado editorial, com três obras de profundo impacto, conforme será visto no próximo subtópico. Os feitos das irmãs Brontë foram registrados na biografia delas escrita pela também renomada romancista Elizabeth Gaskell, autora de *North and South* (1854), dentre outras obras. Nesta obra, ela se volta para as distinções da sociedade inglesa, notadamente o norte e o sul, sendo o primeiro visto como inferior, porém em fase de crescente desenvolvimento econômico, devido à Revolução Industrial, um contraste com o próspero sul, mais agricultura.

A sequência de notáveis escritoras prossegue com George Eliot, que optou por esse pseudônimo, apesar de sua verdadeira identidade ser Mary Ann Evans, ela escolheu tal pseudônimo masculino pela escrita feminina ainda ser tida por alguns como doméstica e de pouca valia. Também, era de conhecimento geral, o caso que ela tinha com um homem casado na época, um fato subversivo que destoava da conduta feminina prescrita pelos padrões vitorianos.

Vivendo a vida totalmente fora dos padrões da época, George Eliot sustentou a sua família com a escrita, logo após a morte do pai, e se envolveu até a morte dele, com o filósofo e crítico literário George Henry Lewes, e casou-se com um homem vinte anos mais novo do que ela. Tendo essa vida livre para uma mulher oitocentista, George Eliot, se familiarizou com movimentos sociais e políticos da época. Sua literatura era muito parecida com a da escritora francesa George Sand (1804-1876), ambas autoras com base intelectual considerável e com uma escrita muito densa e politizada.

2.2 A trajetória de Emily Brontë até a construção de O morro dos ventos uivantes

Emily Brontë, apesar das dificuldades, marcou a literatura inglesa com seu único romance *Wuthering Heights* [O morro dos ventos uivantes, em português], demonstrando que as mulheres conseguem escrever literatura gótica em nível canônico, fato que se constituiu em um impulso para o gênero, tido como de baixa qualidade literária, porém renascendo a partir de obras da autora e sua irmã Charlotte Brontë e demais que a elas se seguiram.

Emily Brontë nasceu em uma família pobre, sendo criada somente pelo seu pai já que sua mãe morreu cedo, deixando os filhos órfãos e intensificando o papel da mãe inexistente dentro dos romances das suas filhas. O talento para a escrita de ficção das irmãs Brontë, era notório, mesmo não conseguindo obter a melhor educação por serem mulheres e pela falta de recursos

da família, pois estudaram em escolas para meninas carentes pensionato. Apenas na fase adulta estudaram por um breve período no pensionato Heger, em Breuxelas (DIAS, 2011).

Na escola, em 1824, as condições eram extremamente insalubres, por tal razão, as meninas Brontë passaram por situações difíceis em relação ao trato dos professores, além de castigos muito fortes, e as péssimas condições de higiene e alimentação. Tudo se agravou e resultando na morte de suas irmãs mais velhas, Maria e Elisabeth, com a doença de tifo que era muito comum na época. As experiências nessas escolas serviram de inspiração para o romance mais famoso de Charlotte, *Jane Eyre* (1847), no qual retrata a escola em que Jane sobreviveu por anos em situação de abuso.

Ao voltar para casa, Emily, Charlotte e Anne ficaram aos cuidados da sua tia Elisabeth, nas charneças de Yorkshire, no norte da Inglaterra, vivendo afastadas do centro de Londres, que ficava no sul do país, encontrando na solidão e na perda de ambas as irmãs e mãe, inspiração para seus poemas, que inicialmente foram publicados com pseudônimos masculinos, Ellis, Currer e Anton Bell, ainda pela imagem feminina ser atrelada a romances de baixa qualidade.

A figura da mulher proletária sempre rondava os livros das Brontë, como a mulher da camada mais pobre da sociedade, que tinha o estudo básico, porém a sua situação financeira não a permitia ultrapassar as barreiras que foram impostas na sua formação. Dessa forma tinham que se empenhar para conseguir bons casamentos com a aristocracia, como Cathy em *o morro dos ventos uivantes*. As Bronte, em maior ou menor grau trabalharam como governantas, Emily Bronte começou a trabalhar em Law Hill, o espaço que inspirou o único romance da autora, suas irmãs também tiveram a experiência como governantas, inspirando romances como *Agnes gray* e *Jane Eyre* com Anne e Charlotte Bronte (DIAS, 2011).

Com a volta para casa, e a morte da sua mãe e irmãs mais velhas, Emily viu o declínio de seu irmão, que era viciado em drogas e álcool, levando a alguns críticos pensarem que ele, Branwell, inspirou a Emily na construção dos personagens de Hindly e Heathcliff, em seu romance. Nesse mesmo período, chegou ao conhecimento de Emily que suas irmãs tinham as mesmas inspirações que ela, fazendo com que as três lançassem um livro de poesia juntas (*Poems by Currer, Ellis and Acton bell*), com pseudônimos masculinos como, dessa forma impulsionando posteriormente o lançamento dos romances em 1847, *Jane Eyre*, *O Morro dos ventos uivantes* e *Agnes Grey* (DIAS, 2011).

O morro dos ventos uivantes, em seu início, não obteve o reconhecimento por ser considerado um livro estranho, além disso, ainda existia um relativo sentimento negativo em relação ao gênero romanesco, sendo somente o drama e a poesia considerados literatura

canônica, pelo fato de que o romance não constava na *Poética* (1970) de Aristóteles, apenas o drama e a poesia. Na concepção de Lukács (2000), conforme mencionado por Dias (2011), o romance surgiu na ascensão da burguesia, entrando assim de forma tardia na literatura, e mostrando a mudança das famílias e a ascensão das mulheres no século XIX.

Dessa forma, ser uma romancista no século XIX, significava ser criticada, porém Emily surpreendeu os críticos pelos temas abordados em seus romances, em que muitos deles achavam tais assuntos nunca poderiam ter saído da pena de uma mulher. Críticas como a de Cecil (1958 p.137 *apud* DIAS, 2011, p. 12), “ discute que Emily está acima de qualquer tradição, escrevendo sobre diversas perspectivas”, por isso, os críticos não entenderam a profundidade de *O morro dos ventos uivantes*.

Emilly também não escrevia para um público alvo inglês, pois durante muito tempo não desejou publicar suas obras. Assim, seus personagens, no seu único romance, *O Morro dos Ventos Uivantes*, são compostos de grupos minoritários, uma família de classe média sem a presença da mãe, a narradora como a empregada da casa, e o protagonista como um cigano, sendo vista como uma afronta a toda a sociedade inglesa, e fazendo duras críticas ao colonialismo inglês.

3. BILDUNGSROMAN (FEMININO) EM PERSPECTIVA

Esta secção está destinada a introduzir a teoria do *Bildungsroman* [romance de formação] em alemão, e suas características distintas, além de abordar sua releitura feminina posteriormente. Será abordado a construção do subgênero e suas principais características, além de obras que marcaram o gênero.

3.1 O *BILDUNGSROMAN*: ASPECTOS DA CONSTITUIÇÃO DO GÊNERO TRADICIONAL MASCULINO

O *Bildungsroman* é um termo alemão que se constrói a partir de dois radicais (*Bildung*- formação e *Roman* – romance). Este novo gênero, isto é, o Romance de Formação, surgiu na Alemanha, tendo sido primeiramente citado pelo professor de filologia clássica Karl Morgenstern, em 1810, quando empregou o termo em uma conferência universitária. Sua definição teve como conceito inicial a representação da formação do protagonista em seu início (a infância), e trajetória, até alcançar um nível de desenvolvimento (na fase adulta), bem como a formação do leitor que se beneficiaria em sua própria formação através das experiências do protagonista. O curso deste subgênero do romance nasce em berço burguês na Europa e se

estende aos Estados Unidos. Em seu bojo, o enredo central é o curso e o desenvolvimento do protagonista masculino:

A definição inaugural do Bildungsroman por Morgenstern entende sob o termo aquela forma de romance que "representa a formação do protagonista em seu início e trajetória até alcançar um determinado grau de perfectibilidade". Uma tal representação deverá promover também "a formação do leitor, de uma maneira mais ampla do que qualquer outro tipo de romance (MORGENSTERN, *apud* MAAS, 2000, p.19)

Esta tradição romanesca foi iniciada pelo Alemão Goethe em *Wilhelm Meister Lehrjahre* [*Os anos de aprendizagem de Wilhelm Meister*], publicado em 1795-1796, na Alemanha, retratando a história de Wilhelm, um jovem burguês cuja família ascendera socialmente por meio do comércio. Ele desejava crescer intelectualmente, mas só poderia estudar o permitido para sua classe social, de sorte que lhe era proibido ir para a universidade. A partir desta obra de Goethe, críticos literários, como Jost (1998), formularam conceitos que levaram à constituição da teoria, mostrando que diferente de outros subgêneros, o *Bildungsroman* mostra a trajetória do herói geralmente de forma linear, e suas atitudes e escolhas perante a sociedade que vão constituir o seu processo de formação enquanto indivíduo.

Em outra abordagem, Selbaman (1988) dimensiona o romance de formação no contexto histórico através, de *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister*, tornando um ambiente propício à construção da obra, em que o romance era considerado um gênero menor, quando comparado com a poesia e o drama, porém teve seu *status* transfigurado no século XVII, tendo o romance de formação um papel fundamental nessa mudança.

Já no conceito de Burkely (1994), que estudou o romance de formação de língua inglesa, ele ressalta algo recorrente no *Bildungsroman* tradicional, isto é, o *Bildungsroman* masculino. Ele afirma que tal romance está centrado na figura masculina, e que não havia espaço para desenvolvimento feminino, em razão do foco estar na vida de um jovem comum, em busca de conhecimento, emprego e da construção de si como cidadão, homem e burguês. A necessidade da educação mostrada na maioria das obras nesse gênero, advém do contexto iluminista e está ligada ao seu status burguês, sendo a educação um importante fator de bem-estar social, de acordo com o Iluminismo.

Assim, até meados do século XVIII, o *Bildungsroman* está intimamente ligado ao conceito de formação e da articulação da sociedade de classes e, em nome desse bem-estar social, todos deveriam receber formação (embora limitada ao nível social), para cada cidadão

desempenhar melhor sua função melhor, junto a toda comunidade. Este modo de pensar iluminista promoveu uma ruptura com mediante séculos de paradigmas sociais, inclusive fazendo com que o trabalho fosse visto sob outra ótica, passando de algo que menosprezava o cidadão burguês, para uma obrigação do mesmo.

Neste cenário, é imperativo esclarecer que o termo “burguês” aqui empregado, refere-se ao cidadão advindo de classes sociais tidas como inferiores, para um patamar mais elevado, em razão da ascensão social obtida, em muitos casos, por meio do comércio. Este tipo de cidadão, por vezes, enriquecera, mas ainda vivia sob o preconceito da aristocracia e da nobreza, as classes sociais que, por exemplo, detinham o direito de frequentarem uma universidade. Esta prerrogativa dizia respeito ao fato de que tais classes sociais estavam destinadas à intelectualidade, ao passo que as demais, ao trabalho braçal.

Assim, até meados do século XVIII, o *Bildungsroman* está intimamente ligado ao conceito de formação e da articulação da sociedade de classes, e em nome desse bem-estar social, todos deveriam receber formação, para cada cidadão desempenhar melhor sua função melhor, junto a toda a comunidade e fizesse com que o trabalho fosse observado em outra ótica, passando de algo que menosprezava o cidadão burguês, para uma etapa de sua formação, como defende Moritz, conforme Koopeman (1983), para quem o *Bildungsroman* é uma representação fiel da vida humana, uma proposta que só ela pode oferecer, mostrando as mais diversas facetas do herói.

Portanto, segundo Maas (2000), dentro da tradição alemã, o *Bildungsroman*, em um primeiro momento, tornou-se um gênero marginalizado, assim como o próprio romance, voltando à cena com a obra supracitada [*Os anos de aprendizagem de Wilhelm Meister*], de Goethe na segunda metade do século XVII. Ela foi considerada por Hegel como “a moderna epopeia burguesa (HEGEL, 1980, *apud* OLIVEIRA 2013. p.07), na esteira do pensamento do filósofo, de que o romance é a manifestação marginal do épico.

Dessa forma, a partir da evolução social e a curiosidade das pessoas por explorar outras regiões do mundo, a literatura que mais marcou o século XVIII foram as chamadas *Travel Writings* ou Literatura de Viagens, composta por diários de viajantes marítimos pelos “novos mundos.” Inicialmente, eram textos não-ficcionais, mas posteriormente, esse tipo de escrita veio a produzir uma mistura de ficção e realidade, de sorte que passou a existir nelas uma grande aproximação com os Romances de Formação iniciais, ou elas influenciaram os *Bildungsromane* da época, pois, em certo ponto, a viagem caracterizava o crescimento e a evolução do narrador e/ou protagonista:

Entre as formas narrativas existentes na Europa do século XVII, o chamado “Romance de aventuras e de viagens”, encontra-se também o processo de estabelecimento do *bildungsroman* (MASS, 2000, p.77).

Uma das obras mais importantes e que caracteriza a viagem como forma de educação, um verdadeiro paradigma do Romance de Formação é *Robinson Crusoe* (1719), no qual o autor inglês Daniel Defoe utilizou-se da imagem do homem ocidental europeu e através de sua aventura entre ilhas e países desconhecidos construindo sua identidade como homem. Robinson tem 20 anos quando a narrativa se inicia e era um jovem de classe média; contra a vontade de sua família, resolveu se aventurar pelo mar, e conhecer vários lugares, adquirindo assim experiências enquanto viajante:

Robson Crusoe representa paradigmaticamente, a transformação fundamental que as narrativas de viagens e aventuras sofre no fim do século XVII. Essa transformação anuncia o fim de um gênero e a ascensão de uma nova forma de romance, o qual responde de uma nova maneira, á situação histórico-social que se impunha (MASS, 2000, p.77).

Assim, a literatura concentrando-se no fato de que o autor era inglês, e para mostrar ainda a soberania de seu país sobre o mundo, Robinson volta das viagens como o homem burguês e ocidental que sua família sempre almejou, sobretudo porque o protagonista assume uma postura colonizadora por onde passa, e como em um *Bildungsroman* tradicional a viagem é um elemento chave para a formação do herói, e as muitas viagens empreendidas por ele em terras vistas como “não civilizadas”, solidificam sua visão imperialista acerca dos “novos mundos” por ele visitado.

Também vemos outra característica dos romances de formação tradicionais, neste clássico, isto é, a presença de um tutor. Esta figura recorrente na estética em estudo, costuma auxiliar o protagonista em suas experiências de vida, entretanto, Robinson apresenta-se como tutor de si mesmo e de um indígena, chamado Sexta-feira, pelo herói, alguém por ele encontrado na ilha onde permaneceu isolado por 28 anos, após o naufrágio do seu navio; Robinson o escravizou. Apesar dos questionamentos de Robinson dentro da ilha, o indígena não tem um papel como sujeito livre, e assim Robinson consegue seguir a jornada como herói. Com o advento das Teorias Pós-soccoloniais, tem-se criticado a postura objetificadora de Crusoe para com o indígena, a quem subalterniza por meio de um nome não humano, além de torná-lo seu escravo, apenas por ser de uma raça tida como inferior.

No cenário da literatura inglesa, outra obra marcante que contribuiu para o estabelecimento do paradigma do Bildungsroman é *As viagens de Gulliver* (1726), do irlandês Jonathan Swift. Este romance é uma resposta crítica à pompa e à superioridade de *Robinson Crusóé*, de sorte que o autor explora, em tom irônico e satírico, e por meio do fantástico, temas aludidos no romance do seu rival inglês. Ele utiliza-se de diversas aventuras protagonizadas por Gulliver para imprimir sua crítica ao imperialismo inglês, tais como a exploração de mundos distantes, nos quais encontra inovações tecnológicas e seres superiores aos Europeus, sempre realizando uma crítica social comparando esses seres aos europeus. Eis por que, em cada viagem, o autor relativiza crenças inglesas no poder da sua capacidade científica, por exemplo:

É certo que tais subversões se devem necessariamente ao dinamismo do gênero em meio às diferentes constelações históricoliterárias. No século XX, desaparece a ideia de o homem como ser psicológica e historicamente indecomponível. A representação do desenvolvimento individual como um processo linear em direção ao equilíbrio das tendências individuais no enfrentamento com a sociedade torna-se então uma aporia (MASS, 2000, p.81)

Assim, podemos perceber o desenvolvimento do protagonista em cada diferente ilha por onde ele passa, o que contribui para a consolidação e construção do caráter de Gulliver, com as novas experiências, e desconstruindo o pensamento colonialista que pairava sobre ele. Dessa forma, como é de praxe neste tipo de subgênero romanesco, as viagens são fundamentais para a formação do protagonista, e mudanças de pensamento ao longo de todo o romance, de sorte, que ao retornar à sua terra natal, a Inglaterra, o protagonista passa a não suportar mais o seu povo, pois sua viagem o levou a uma reorientação cultural. Tal fato impede que haja a integração social dele, diferenciando-o do tipo de final característico que se via até então, entre os Bildungsromane.

Há de se comparar ambas as obras, visto que tanto *Robinson Crusóé* (1719), quanto *as viagens de Gulliver* (1726), tem características narrativas parecidas por serem romances de navegação, porém as trajetórias dos protagonistas diferem totalmente, em que um completa sua trajetória voltando para casa e reintegrando-se socialmente, enquanto mais inglês e mais tradicionalista do que quando partiu. Já Gulliver, retorna como um cidadão de pensamento crítico, tendo sua perspectiva sobre a nação e a cultura local alteradas; convém ressaltar que Defoe era inglês, ao passo que Swift era irlandês, ou seja, alguém que sabia o que era sofrer com a opressão imperialista inglesa, tão defendida pelo colega de profissão.

Dessa forma, podemos ver o caráter didático de ambas as obras, ao constituir a Bildung de cada protagonista a partir das experiências longe de casa e da comodidade do lar, fazendo com que cada um tire e forme suas opiniões sobre os espaços em que está sendo inserido e as mais diversas sociedades em que é apresentado ao longo do romance:

aqui se busca também um caminho intermediário entre o exclusivo orientar-se pela ação do idealismo abstrato e a ação puramente interna, feita contemplação, do Romantismo. A humanidade, como escopo fundamental desse tipo de configuração, requer um equilíbrio entre atividade e contemplação, entre vontade de intervir no mundo e a capacidade receptiva em relação a ele. Chamou-se essa forma de romance de educação (LUKÁCS 2000, p. 141).

Ao longo do século XVIII surgem outras obras que entram no rol dos Bildungsromane na Inglaterra, de sorte que, com a chegada do século XIX, o gênero romanesco e seu subgênero de origem alemã já gozam de reputação sedimentada. Um destes exemplares é *David Copperfield* (1850), o principal romance de Charles Dickens. Diferente das duas obras citadas anteriormente, este firma-se na categoria mais recorrente do gênero em foco até então, ou seja, ele relata o herói da infância à vida adulta. Além disso, recorre a outro elemento da estética em estudo, isto é, o fato de que David ficou órfão de pai, e foi inicialmente criado pela sua mãe e a criada em uma família estruturada. Sendo essa realidade mudada após o casamento de sua mãe com o sr. Murdstone, que logo força o garoto a fazer a sua primeira viagem para um internato decadente em Londres.

A mudança de lugar lhe trouxe profundas humilhações. Ali, David é espancado e maltratado, e vive momentos desagradáveis. As reviravoltas de sua vida que cooperam para sua formação enquanto indivíduo perpassam a questão de classe social e familiar, visto que ele perde o status social, com a morte do pai (e logo depois, da mãe) e a estrutura familiar necessária, esperava-se, fossem imprescindíveis para ele crescer como um cavalheiro. Ademais, ele é retirado da escola e forçado a trabalhar em uma fábrica, elementos como a obra retrata o contexto vitoriano, as leis trabalhistas não eram regulamentadas, logo, o trabalho infantil nas grandes cidades era comum:

Não se representa mais seres com capacidade, força e coragem extraordinárias, mas sim o jovem que se inaugura perante a vida que busca uma profissão, o autoaperfeiçoamento e seu lugar no mundo (MASS, 2000, p.23)

Na verdade, essa questão de classe social é uma premissa do gênero em foco, sobretudo porque mostra o homem burguês (em ascensão ou não) tentando fugir das amarras sociais da sua classe. No caso de David, ele não ascende, mas regride na escala social, porém são os entraves que enfrenta ao longo da vida que o fazem triunfar, notadamente porque ele não regride intelectualmente, mas ascende por sua força de vontade e *will to power* [Vontade de poder, tradução própria], na terminologia de Nietzsche.

Uma das características do gênero *Bildungsroman* que a obra em tela mostra, é que seu protagonista principal contém uma ética inabalável, e que vai se mostrando durante a trama. Assim, ancorado pelos mentores que encontra ao longo da vida, o jovem chega ao posto de funcionário de um escritório de advocacia, desilude-se na vida amorosa (sendo esta uma característica do *Bildungsroman*, isto é, uma desilusão amorosa), muda de lar inúmeras vezes (a orfandade também é próprio do gênero em estudo), e termina integrado socialmente, por meio também do casamento, como é de praxe no *Bildungsroman*. Pode-se perceber na obra de Charles Dickens, em que o caráter do protagonista é alinhado a sua época. Todas estas experiências são formadoras do caráter do herói e o tornam um exemplo de *self-made man*, um típico cidadão honrado inglês, representando o *status quo* de sua cultura.

Outro marco do gênero é a obra *Judas, o Obscuro* (1895), do inglês Thomas Hardy. A tragédia bem elaborada de Hardy, que em um primeiro momento foi desprezada pela crítica europeia, narrando a história de Jude, um homem com ambições acadêmicas, porém com o advento do primeiro casamento, e a pobreza não pode se educar formalmente como desejava, logo, seu sonho de estudar em uma universidade torna-se impossível de ser realizar.

Apesar da falta dos pais, Jude foi criado pelos tios, na cidade de Wessex, que era uma cidade sem muitas oportunidades escolares e tem como primeiro mentor o seu professor Richard Phillotson, que cedo vai embora com a pretensão de ser tornar um grande estudioso, logo iniciando a formação de Jude, que mais tarde seria mentor se si mesmo ao estudar matérias como grego antigo e latim. Na verdade;

O conflito de gerações, a viagem para uma cidade grande (uma vez que o protagonista usualmente vive em uma cidade pequena: quando as possibilidades de educação em sua cidade se esgotam, ele é mandado para completar sua formação acadêmica em um grande centro) (...), a formação acadêmica em si e, ao lado dela e mais importante, a educação informal, que permite ao provinciano protagonista conhecer as regras da sociedade, e, para que isso aconteça, o encontro com um mentor, geralmente um homem mais velho que toma o protagonista sob sua proteção. (...) O protagonista deve

passar, igualmente, por dois casos de amor, um feliz e outro infeliz, para aprender a lidar com sucessos e insucessos igualmente; ele deve fazer uma escolha profissional que lhe permita ser um membro produtivo da comunidade e ao mesmo tempo realizar-se como pessoa. Geralmente, ele encontrará um lugar mais tolerante, mais cheio de possibilidades que seu meio de origem, e se estabelecerá ali. Não obstante, deverá visitar sua cidade natal, já um homem formado e bem sucedido (DILTHEY *apud* SCHWANTES, 2010, p. 106).

Após Judas ter sua primeira decepção, ver seus planos interrompidos e a sua formação acadêmica suspensa, graças aos desdobramentos de suas atividades sexuais, com o encontro do seu primeiro amor, como é comum na forma tradicional do *Bildungsroman*, esta questão vai do desejo por sua primeira esposa Arabella, que o convence a dormir com ele, e posteriormente persuadindo-o a um casamento por uma gravidez indesejada, fazendo com que o protagonista tenha uma regressão em sua educação e seus sonhos.

Após saber que a gravidez era uma farsa, e se vendo preso a um casamento, e logo depois, sendo deixado pela sua esposa, Judas recomeça a sua busca pela formação acadêmica, apesar de ter também que trabalhar como comerciante para sobreviver. Nesse meio tempo, Judas teve a sua segunda experiência romântica com uma prima que chegou a cidade, mas este fato acabou se tornando um romance impossível, por ele ser legalmente casado com Arabella e as regras morais ainda impostas na época não lhe permitiam contrair novas núpcias, uma vez que o divórcio era visto como algo abominável.

Assim, devido a bigamia ser restritamente proibida e o divórcio moralmente inaceitável, o casal foi rechaçado dentro da cidade, fazendo com que Judas perdesse empregos e se mudasse para cidades onde ninguém o conhecia, mas logo ele volta a seu ponto de partida, por causa de seu sonho de se tornar um intelectual a continuar sua formação de maneira autodidata, e ser seu próprio tutor.

Vendo seu sonho morrer logo em seguida por uma série de fatalidades, como o amor da sua vida o deixar e ele voltar para a mulher que o enganara, ele morre logo após a sua última viagem, tendo a certeza de que o seu sonho nunca se realizaria, diferente de David Copperfield, em que toda a formação o levou a um final “completo.”

Por fim, entendemos que o *Bildungsroman*, segue tendo conexão com a literatura moderna, fazendo com que a teoria se torne atemporal e crie novas características dependendo de cada obra. Assim, ainda como uma característica do gênero romance, o *Bildungsroman* tem esse fio com a realidade, fazendo com que atualize a cada novo romance de formação

3.2 O *Bildungsroman* feminino

No que diz respeito ao papel feminino na literatura do século XVIII, ele era criticado, uma vez que a designação da função social feminina era bem clara, sendo a subserviência doméstica e o bom zelo do lar. Assim, como já foi exposto acima, a tradição romanesca teve início pela jornada de um “herói” e descrevendo toda sua formação durante esse período, sendo os homens protagonistas, restando às mulheres em papéis secundários

Flora (2005), disserta sobre a colocação da mulher como “heroína” no romance de formação, afirmando que para as mulheres, não eram permitidos a liberdade de movimentos que é concedida ao herói, o autoconhecimento, além das múltiplas experiências durante a formação (viagens, experiências amorosas, etc). Dessa forma, apesar da presença feminina dentro do gênero, a mulher era restrita a ensinamentos que a levavam e preparavam para o casamento:

Assim enquanto o herói do *Bildungsroman* passa por um processo durante o qual se educa, descobre uma vocação e uma filosofia de vida, e as realiza, a protagonista feminina se tenta-se o mesmo tornava-se uma ameaça ao *status quo*, colocando-se em posição marginal (PINTO, 1990, p. 12).

Os primeiros estudos e produções sobre o gênero ocorreram juntamente com os movimentos feministas, levando a diversas críticas pela ausência do protagonismo feminino. A este respeito, a autora Ellen Morgan (1994) em seus estudos Anglo-Americano, destaca o *Bildungsroman* como “*a male affair*” [um assunto masculino], sempre criticando o papel designado às mulheres nos romances de formação, e discutindo sobre os finais designados à maioria das protagonistas femininas, sendo a morte da protagonista no final, uma das características do gênero.

A característica de um final trágico para as heroínas é reflexo da sociedade na qual essas personagens estavam inseridas, pois diferentemente do herói, que após a sua jornada e o acúmulo de experiências, ocorre sua integração na sociedade em que vive e, no final, atinge o sucesso. Como há uma grande incompatibilidade de escolhas pelas protagonistas femininas e a sociedades na qual elas vivem, a loucura, a morte, o suicídio e o isolamento são comuns por parte da maioria, como vemos em romances clássicos, como: *Wutherring Heights* (1847) e *The awakening* (1899), ambos com características marcantes, em que o final de ambas as heroínas foi trágico, sendo um dos pontos do *bildungsroman* feminino, pela não integralização das

heroínas na sociedade que as reprime, e fazendo duras críticas aos papéis pré- estabelecidos para as protagonistas.

Para Annis Patt (1981), com relação à estrutura do romance de formação, ele reflete um crescimento masculino, seja ele intelectual e/ou moral. Já para as mulheres, restam “lições de submissão: seu processo implica em decrescer” (PRATT *apud* SCHWANTES, 1998, p.41). Esta questão é discutida por Virginia Woolf em *Um teto todo seu* (1929), ao discorrer sobre a escrita feminina, que se torna mais complicada pela falta de um espaço único para a escrita de ficção. Fazendo com que as mulheres se escondessem em sótãos, salas ou sua escrita fosse restrita a cartas, fazendo com que a escrita feminina fosse desencorajada e até reprimida:

Foram escritos por mulheres sem maior experiência de vida do que a que entraria na casa de um clérigo respeitável; escrita também na sala de estar dessa casa respeitável e por mulheres tão pobres que não podiam permitir-se comprar, de cada vez, mais que alguns maços soltos de papel onde escrever (WOOLF, 1929, p. 88).

Tendo em vista que aquela mulher que tentasse construir um *bildungsroman* através do autoconhecimento, estudo e realização pessoal, seria marginalizada pela sociedade, assim, a única forma de sucesso e realização só se sucederia através do casamento e da maternidade, fato que trazia frustração e insuficiência interna para a protagonista. Nesse sentido, para Fuderer (1990) o *Bildungsroman* feminino é uma revisão desse subgênero, de forma analítica, a fim de expandir as possibilidades de destinos em romances femininos.

Nos últimos séculos, tais romances mudaram diversas vezes de cenários, propondo dar continuidade a tradição feminina no gênero, além das redefinições de referências para esses romances, trazendo mais ideologias feministas entrelaçadas a formação da protagonista em questão, conservando ainda características comuns a romances de educação “tradicionais”, em uma perspectiva de redefinição do gênero.

Ainda, como o romance de formação tradicional, o romance feminino contém características em sua essência semelhantes ao tradicional, para a formação da *bildung*, sendo tais características, as viagens durante a infância e juventude, as tutoras durante a infância e principalmente no início da juventude, além das decepções amorosas que ajudam na formação do caráter da protagonista. Os envolvimento amorosos das protagonistas dentro da trama se destacam entre aqueles que agregam para a construção moral da protagonista, já o segundo envolvimento amoroso, na linearidade da trama, é devastador para a protagonista, fazendo ela se questionar sobre suas decisões até a aquele momento.

Dessa forma, podemos encontrar alguns exemplos de *Bildungsromane* femininos na literatura. O primeiro que será citado é *Orgulho e preconceito* (1813), da autora Jane Austen, que escreveu a obra no século XVIII, em que a autora demonstra uma de suas características principais ao narrar sobre as meninas Bennet e toda a trajetória de Elisabeth dentro da trama.

O romance inicia com o narrador relatando um pouco sobre os princípios de uma mulher solteira, como o único papel disponível para as mulheres na época era o casamento, logo era esperado que uma mulher de “boa família” e solteira viesse a se casar-se com um homem também de “boa família”, e com patrimônios, para conceder uma vida tranquila a futura família:

Dos aspectos importantes do *Bildungsroman* feminino, seria o tipo de narrativa que se dá a busca da integração social da personagem, enquanto o outro modelo o objetivo seria a integração espiritual (PRATT *apud* PINTO, 1992. p.15).

A narrativa de Elisabeth, a heroína de *Orgulho e preconceito* (1813), começa com a apresentação das irmãs Bennet aos novos moradores e proprietários de terras da região, conhecendo melhor o senhor Bingley e o senhor Darcy, logo iniciando sua formação ao constituir as primeiras aparências sobre ambos ao ouvir comentários sobre sua aparência partindo do senhor Darcy, e criando um distanciamento entre eles e um preconceito sobre ambos. Jane Austen traz a evolução de Elisabeth entrelaçada com a relação amorosa com Darcy.

Portanto, podemos ver características da formação da protagonista claramente em *Orgulho e Preconceito* (1813) e em outras obras da autora, em que toda a atenção vai para a construção da personagem dentro da obra, a partir do momento em que Elisabeth constrói um preconceito contra o senhor Darcy. Assim, os laços entre sua irmã ficam mais fortes com o senhor Bingley, Elisabeth teve que fazer sua primeira viagem na trama, devido a doença da sua irmã, logo tendo mais convivência e contato com senhor Darcy e suas irmãs e primas, sendo subjugada o tempo todo por sua classe social e a forma como se portava.

Elisabeth, mostra ainda mais maturidade ao rejeitar um casamento por comodidade e decide se casar por amor, mesmo com a propriedade de sua família em jogo. Por fim, ao passar por toda a trajetória da formação, as duas viagens para crescimento e desenvolvimento próprio, além da desconstrução de pré julgamentos em relação ao gênero e até mesmo o seu futuro amado Darcy. Sendo a finalização da formação da protagonista o casamento, mas diferentemente e a frente da sua época, Elisabeth opta pelo casamento com o homem em que o

amor é sentimento recíproco, mas ao mesmo tempo ascendendo socialmente pela condição social do senhor Darcy.

Annis Pratt (1981) e (Labovitz 1986), conforme pontua Golçalves (2016), afirmam que no Bildungsroman feminino, há a presença de narrativas cujo desenvolvimento da protagonista ocorre durante a vida adulta, sendo nessa a fase a presença do casamento e da maternidade, que podem ser concretizadas de forma decisiva para a formação feminina. E sendo esse os assuntos que predominam e formam as protagonistas dos romances de Jane Austen, como *Orgulho e Preconceito* (1813), e *Emma* (1815), em que ambos mostram mulheres em desenvolvimento

Emma Woodhouse, diferente de Elisabeth, é uma protagonista rica e considerada muito bonita por todos, tendo um pai com uma condição hipocondríaca que a protege de tudo por medo de perde-la. Mesmo com toda a beleza e riqueza, a protagonista continua afirmando que não deseja se casar, porém desempenha o papel de “cupido” dentro do romance, causando certa confusão que por meio destas à tona uma mulher mais madura e confiante.

Tendo como principal mentor seu grande amigo, o senhor George Knightley, que a ajuda e aconselha e por ser seu amigo íntimo, e sem interesse amoroso por parte de Emma, que durante toda a obra, repete que não deseja se casar. A protagonista foi designada pela autora como uma heroína que somente ela mesma iria gostar, por ser uma heroína que em seu início era extremamente mimada, e controladora, fazendo decisões por si mesma sem se preocupar com as consequências.

E, portanto, por pensar que conhece o coração das pessoas, até melhor que elas mesmas, fazendo com que Emma se envolva ou force situações, e tenha um papel social como casamenteira, dentro da narrativa. Assim fez com sua melhor amiga Harriet Smith, que é facilmente manipulada por Emma a casar-se com Sr. Elton, mesmo ele não mostrando interesse algum pela moça, e por Harriet não ter a mesma estabilidade financeira que Emma, e assim seria impossível a possibilidade de casamento com algum homem de classe social elevada e, posteriormente, dispensando o único homem que a desejou por ser um mero fazendeiro.

Diferente dos *Bildungromane* mais comuns, a formação de Emma acontece de acordo com os problemas em que a protagonista se envolve, e através dos conselhos e reclamações do senhor Knightley. Mas ao perceber que o ama, a protagonista tem a resolução de seus problemas, e a formação completa de seu caráter, tonando uma mulher menos mimada e egoísta, alcançando seu ápice como uma mulher madura.

Em uma linha semelhante, temos *Mulherzinhas* [*Little women*], romance escrito por Louisa May Alcott e publicado em 1868, que relata um pouco da vida de quatro heroínas, as

irmãs March, e suas pretensões para a vida adulta, apesar de todas as dificuldades financeiras que a família enfrenta. Assim, toda a narrativa é contada por Jo March, e sua caminhada até conseguir publicar seu primeiro livro.

A narrativa se passa em uma pequena cidade dos Estados Unidos, onde Jo mora com suas irmãs Meg, Beth e Amy, a mãe e seu pai, sendo que todo o enredo se passa com o seu pai ausente, na Guerra Civil Americana, deixando as quatro filhas com a mãe. O livro é rodeado de preceitos da mãe, numa época em que o destino da mulher era o casamento e sua única forma de ascensão na sociedade, não sendo bem vista aquela mulher que adquirisse um trabalho.

Jo retrata toda a sua infância, e sua construção como mulher, dedicando-se a sua família, suas irmãs, cada uma tendo sua personalidade diferente, Beth sendo a mais angelical e infantil, Meg sendo a irmã mais velha, que sonha com a riqueza pelas dificuldades que a família passa diariamente e, por fim, Amy, que é fútil, se ligando mais a aparências do que as outras irmãs, e em alguns momentos, tendo uma certa inveja de Jo.

O caráter das meninas da família March foi sendo construído ao longo da trama, e seus desejos profissionais sendo boa parte da visão de futuro que todas as tinham, inclusive ao final da primeira parte, a protagonista central, Jo, tomou a decisão que não se casaria, diferente de sua irmã mais velha, Meg, que acabou cedendo a um casamento com um professor particular. Jo prefere ir para Nova York e seguir seu sonho de se tornar escritora. No final as quatro irmãs tem destinos diferentes,

Em um segundo momento do livro, vemos a continuação da formação das quatro irmãs, todas lutando com seus problemas pessoais, como família, trabalho, filhos e falta de dinheiro, sendo a questão financeira primordial e fator de mudança dentro da vida de cada uma. Meg, apesar do casamento feliz e filhos, vive de forma diferente do que a mesma tinha imaginado, por ser a mais ambiciosa das irmãs, a falta de dinheiro é uma questão recorrente dentro de casa, fazendo-a questionar suas decisões.

Beth, continuou em casa por problemas de saúde e tornou-se muito próxima ao avô de Lawrence, tornando essencial para a formação educacional, e assim após a sua vida como escritora não prosperar tanto quanto Jo pensava, vendendo poucos contos de sua autoria para fazer um dinheiro extra, após um aviso de sua casa que Beth estava muito debilitada, ela retornou para sua família, deixando um pequeno romance na cidade. Beth, infelizmente não teve sua formação como mulher completa, pois ao chegar à vida adulta foi acometida por uma doença e teve seu fim, marcando a primeira grande perda das quatro irmãs, sendo as únicas presentes Jo e Meg, enquanto Amy estava viajando se debruçando sob os ensinamentos de artes.

Ao voltar para casa e após a morte da sua irmã mais nova e mais próxima, a protagonista deu continuidade a escrita de seu romance, sendo que durante a escrita que realizou além de uma vida profissional, também estava preparada para ter uma vida pessoal, como esposa e mãe. Porém, percebeu que houve um envolvimento por parte de sua irmã Amy, com seu amor de infância ao voltarem da Europa, e que estavam noivos,

Assim, fazendo com que esse primeiro romance de infância tivesse um fim nesse momento, e assim levando Jo a reencontrar o romance que ela deixara para trás e finalizar sua construção como mulher e como profissional, abrindo uma escola e publicando seu primeiro romance. Em um primeiro momento, *Mulherzinhas* foi escrito para jovens adolescentes que se inspiraram em sua construção, principalmente em relação a Jo, uma autora a frente do seu tempo, e mostrando todas as dificuldades que as mulheres sofriam por não terem as mesmas chances financeiras ou chances de crescimento intelectual, pelo fato de terem disponibilidades educacionais diferentes.

Ao nos debruçarmos sobre os problemas femininos, o mais consistente ainda e a falta de renda própria e a dependência da renda do esposo, o que leva as protagonistas a relacionamentos falhos e papéis de esposa, para poder exercer sua profissão como autoras este respeito, Virginia Woolf (2014, p. 13) ao dissertar sobre o papel da escrita ficcional feminina, declara:

Ela [a mulher] permeia a poesia de capa a capa; está sempre presente na história. Domina a vida de reis e conquistadores na ficção; na vida real, era a escrava de qualquer garoto cujos pais lhes enfiassem um anel no dedo. Algumas das palavras mais inspiradas, alguns dos pensamentos mais profundos da literatura vieram de seus lábios; na vida real, ela pouco conseguia ler, mal conseguia soletrar e era propriedade do marido. (WOOLF 2014, p. 13)

Logo, podemos utilizar como exemplo as irmãs Brontë que de modo progressista, revolucionaram a literatura inglesa, com obras como *O morro dos ventos uivantes* (1847), *Jane Eyre* (1847) e *Agnes grey* (1847), tendo elas, poucos romances publicados, sendo *Jane Eyre*, o Bildungsroman mais famoso de Charlotte Brontë, que influenciou romances de formação femininos, sobretudo do século XX. Relatando toda a trajetória e dificuldades de Jane, desde sua infância até a vida adulta, além de sua construção educacional e feminina durante esse tempo.

Jane Eyre (1847), romance mais famoso de Charlotte, relata a vida de Jane desde sua infância, quando ela sofria abusos constantes pela tia e pelos primos, por ter sido abandonada pelos pais quando bebê; como ser trancada em um quarto por desobedecer ou responder sua tia

e tutora, que ditava as regras da casa. Após a malcriação de Jane e o castigo, é decidido que sua permanência na casa ficou inviável e sua tia decide deixá-la em um colégio interno para moças, extremamente rigoroso, forçando a moça a se integrar em sua primeira viagem para a sua formação pessoal.

E assim, apesar dos constantes castigos dos professores, e principalmente do diretor, Jane conseguiu fazer amigos, sendo um dos pontos de virada a morte de uma das suas amigas, pela fome e frio do orfanato, fazendo Jane enfrentar sua segunda perda dentro de toda a trama, tornando-a mais forte para enfrentar toda a sua formação intelectual dentro daquele espaço. Jane formou-se e tornou-se parte do corpo docente daquele instituto, tornando-se uma das melhores professoras de francês e inglês, sempre uma mulher à frente e se utilizando de técnicas que não fosse repressoras para os seus alunos.

Por Jane ter esse espírito moderno, não queria se limitar à escola na qual lecionava, fazendo a sua segunda viagem, que corresponde à tradição do *bildung* e transgride as regras de trabalho para moças daquela região. Por conseguinte, pagou por um anúncio com sua propaganda como professora particular de francês, reativando uma vontade intrínseca de trabalhar fora do seu espaço de conforto, e crescer e se desafiar como profissional.

Assim, a narrativa muda de cenário quando Jane se vai para a casa dos Rochester e passa a lecionar francês a filha do senhor Rochester, quebrando a barreira local ao mudar-se para outra cidade. Durante toda sua estadia a protagonista conheceu um pouco sobre a história do senhor Rochester. Com a convivência de Jane na casa, ela foi se aproximando ainda mais dos criados e de sua aluna, por quem criou uma afeição, e tornou-se mentora durante a obra, mas sempre respeitando a autoridade do senhor Rochester. Ao criar tais vínculos dentro do local de trabalho, também houve alguma incerteza emocional quanto ao senhor Rochester, principalmente por não saber muito sobre seu passado e seus sentimentos quanto a si mesma, sobretudo por amá-lo profundamente. Apesar da dualidade de sentimentos, ela acabou aceitando o pedido de casamento dele, porém, tendo a primeira decepção amorosa, ao saber que ele já tinha uma esposa que se chamava Bertha.

A respeito da esposa de Rochester, ela vive presa em um quarto desde o início de seus surtos de esquizofrenia. Bertha foi trazida da Jamaica, servindo como moeda de troca entre o seu pai e o senhor Rochester em troca de propriedades e herança. Deparar-se com a vida de casada é realmente conhecer Rochester. Subentende-se que ela não se adaptou à vida na Inglaterra e enlouqueceu.

Após a primeira decepção amorosa, Jane passa a viver com uma família, cujos membros ela descobre que são seus parentes. Naquela nova cidade, ela cogita um possível casamento com o primo, St. John, pela segurança financeira que ele irá proporcionar-lhe. Mas, mesmo descreditando no amor, Jane não aceita o fato de casar sem amor e somente pelo dinheiro, assim pouco antes de deixar aquela família, descobre uma herança deixada pelo um falecido tio, fato que lhe permite ter estabilidade financeira.

Apesar de toda a decepção, Jane decidiu voltar para a mansão de Rochester, e ao chegar, encontrou a casa destruída e Rochester cego e pobre, despido de seu orgulho, fato que a fez casar-se com ele, porém agora ela tinha as rédeas da relação. O casamento lhe traz a intergração social e lhe permite ser formada como esposa e mãe, fechando o ciclo de sua *bilgung*.

Um outro marco do *Bildungsroman*, surge quando Kate Chopin publica um dos principais romances de sua carreira em 1890, *The Awakening*, que traz não só a personalidade transgressora de sua protagonista, mas transgredir os valores morais da época, ao abordar assuntos como divórcio, traição, sexo fora do casamento com diferentes homens e ser amplamente desaprovada pela crítica especializada no final do século XIX, um caso clássico de romance de adultério.

The awakening [O despertar] traz a formação e libertação de Edna, que era dona de casa, mãe e esposa, tendo um ponto de epifania e percebendo que toda sua vida foi devota a construir uma família e proporcionar o bem-estar para seu esposo e filhos. Ao ter coragem de se separar do seu marido e sair de casa a fim de construir uma carreira como pintora, Edna tem dificuldade para conciliar entre a liberdade que ela deseja como uma mulher livre e sua vida com filhos e dona de casa.

A autora mostra todo o caminho da libertação de Edna, a partir da sua separação, percebendo que dentro daquele espaço e na sociedade ela era propriedade do casamento, não tendo espaço para a construção de sua carreira. Porém, ao abdicar do papel de dona de casa, a “culpa” que a sociedade conservadora a fez sentir por abandonar seu lar, traz à tona a realidade da mulher do século XIX.

Além da separação, a protagonista ultrapassou a sua época ao relatar a liberdade sexual, tendo diversas experiências e construção, além da sensação de liberdade e formação como mulher; ela também constrói uma carreira consolidada como pintora apesar das dificuldades, mas apesar da construção da protagonista como mulher, as críticas sempre a afetavam, fazendo com que a mesma tirasse as próprias conclusões sobre as vivências de ser uma mulher no século XIX.

Assim, a trama é encerrada com o suicídio de Edna, por não conseguir aguentar a pressão social dada a uma mulher separada e livre; ela não consegue se integrar socialmente. Logo, a autora conclui que é impossível ser livre naquele meio, além de ter uma construção profissional como mulher. Em suma, conclui-se que a formação das mulheres na sociedade é sufocada pela repressão e suspensão de direitos.

4. ASPECTOS DO BILDUNGSROMAN DUPLO EM O MORRO DOS VENTOS UIVANTES

Esta seção busca analisar a obra *O morro dos ventos uivantes*, por meio de revisão bibliográfica, através de uma pesquisa qualitativa, a luz da teoria alemã *bildungsroman*, discutida nos capítulos acima. Inicialmente iremos nos deter a primeira parte e infância dos protagonistas e posteriormente a vida adulta de ambos, Cathy e Heathclif.

4.1 Cathy e Heathcliff: formação de raça, classe e gênero

O *Bildungsroman*, conforme tratado acima, é um subgênero do romance, e foi nomeado como tal pela primeira vez em 1810, por Karl Morgetsen (MAAS, 2000). Inicialmente, muitos dos seus exemplares voltaram-se para a construção do herói de forma linear, ou seja, desde a infância, podendo ter tutores ou não para lhe guiar na construção de sua personalidade e desenvolvimento próprio da moral, indo até a adolescência ou vida adulta, ocorrendo nesse meio tempo, algumas viagens ou algo que represente uma passagem de tempo ou mudança no desenvolvimento do personagem. Tendo em sua forma original e tradicional o foco num herói masculino, sua forma variante deu-se com a produção de *Bildungsromane* femininos, conforme a obra de Brontë:

Ao narrar o aprendizado, formado por vivências e reflexões, de seu protagonista, espera-se que o romance dê ao leitor o acesso a uma experiência, vicária embora, e a uma reflexão, que o ajude a construir sua própria Bildung (SCHWANTES, 2010, p. 106).

Sendo assim, *O morro dos ventos uivantes*, além de ser um dos primeiros romances do subgênero em foco e que viria a ser canônico, é marcado também pelo uso da estética gótica. Esta obra foi publicada em 1847, porém a narrativa tem início em 1801 com a chegada de um visitante

à propriedade que dá título à obra, Lockwood. Iniciado *in media res*, o romance de Brontë não é escrito de forma linear, embora retrate os dois protagonistas da infância à maturidade.

A autora utilizou-se de algo sem pretendente na narrativa inglesa até o momento, no caso, um *frame narrator* (narrador principal), Lockwood, que escreve em seu diário a história de Cathy e Heathcliff com base no que ouviu, principalmente da criada da propriedade, Nelly, a qual relata ao visitante o que viu e soube por parte de outros personagens. Assim, tem-se uma narrativa com pessoas de sexos, classes sociais e idades diferentes, fato que tanto descentraliza a convencional voz autoral, conforme aponta Dias (2011), como também torna a narração não tão confiável. Dessa forma, o início da obra é marcado pela presença de dois narradores principais, sendo eles Lockwood e Nelly.

Iniciando diferente dos romances de formação em sua forma tradicional, a obra começa com a chegada de Lockwood na condição de inquilino da propriedade vizinha a o Morro dos Ventos Uivantes, isto é, a Granja do Tordo no ápice da vitória do plano de vingança de Heathcliff contra seus opressores, visto que toda a ação dramática voltada para ele e Cathy já se passou. O visitante é recebido com brutalidade pelo dono da casa, uma vez que o protagonista se tornara cada vez mais grosseiro com o passar do tempo. Lockwood permanece ali apenas em razão da tempestade que estava assolando a região naquela temporada, e pelo resfriado que o acometeu:

Este – entre, foi proferido entre dentes e o sentimento que exprimia era mais um - Vá para o Diabo; até a cancela a que se arrimava se quedou imóvel, insensível ao convite. Convite que, acho eu, acabei por aceitar movido pelas circunstâncias: acicatava-me a curiosidade este homem que parecia, se possível, ainda mais reservado do que eu (BRONTË, 2018, p.08).

Sendo Lockwood, o novo morador da Granja do Tordo, ele visita o senhorio, Heathcliff., sendo esse um morador de Londres, que cansou da vida urbana e se deteve a alugar terras no interior, pela tranquilidade e calma da vida no campo: “Estou agora completamente curado do desejo me distrair da cidade, quer no campo, quer na cidade o homem sensato deve achar em si mesmo companhia bastante” (BRONTË, 2018, p. 32).

Seguindo a narrativa, Lockwood após ler algumas coisas a respeito da antiga moradora de o Morro dos Ventos Uivantes, e a história dela, através de diários guardados em seu antigo quarto, sendo o motivo de irritação para Heathcliff. Porém posteriormente Lockwood inicia uma conversa com a criada Nelly sobre a história de Heathcliff e sua amada Cathy Earnshaw, já falecida. Assim, ela lhe relata a vida deles começando pela infância.

Nelly inicia com a viagem do pai de Cathy, o Sr. Earnshaw para Liverpool, tal viagem (que é uma característica do *Bildungsroman*) se constitui no início da formação de ambos os protagonistas, pois Cathy responde ao pai sobre qual presente deseja receber dele ao retornar. Ela pede um chicote para andar a cavalo, a exposição a tal oportunidade de escolha revela uma personalidade forte e o “desejo de poder” da heroína. Este termo foi concebido por Nietzsche (2011), conforme aponta Freire (2014), ao tratar do um enfretamento de impulsos, ou vontade de vida. Desse modo, com o pedido incomum de Cathy por um chicote, ela mostra a sua personalidade e inicia sua formação como uma mulher com pulso forte e personalidade imponente.

Enquanto isso, seu irmão, Hindley, que tradicionalmente deveria ter mais virilidade como homem, demonstra um lado nada viril, ao pedir ao pai um violino de presente:

Hindley escolheu uma rabeca, então o patrão fez a mesma pergunta para a Srta. Cathy: ela recém completara 6 anos de idade, mas montava qualquer cavalo do estábulo, e escolheu um chicote (BRONTË 2018, p. 73).

Logo, com a volta do Sr. Earnshaw, os dois irmãos não recebem o que pediram, mas ele traz Heathcliff, descrito como um menino de pele escura, comparado a um cigano, pelos donos na casa, e inicialmente visto como uma ameaça para Hindley, por se tornar o preferido do patriarca. A partir daí, tem início a formação de raça de Heathcliff, ao ser colocado como o outro, o estrangeiro, não sendo incluindo na família como irmão e parte da família, mas como um empregado da casa, uma vez que apenas Cathy e o Sr Earnshaw o tratam bem. Ele é também visto como uma ameaça a herança por Hindley e pela preferência que seu pai teria por Heathcliff:

A partir do momento em que Heathcliff é levado para casa em Wuthering Heights [O morro dos ventos uivantes] pelo pai de Catherine, o jovem rejeitado e Catherine tornam-se companheiros inseparáveis. “Os dois prometeram crescer como selvagens refazendo a governanta Nelly Dean, preferindo o mundo da natureza ao mundo da cultura (GOODMAN, 1983, p. 31) .

Porém, ao observamos Cathy, para ela não existia diferenças entre ambos, nem de gênero, nem de classe, ou raça, pois sua *bildung*/formação de gênero ocorre lentamente, de sorte que ambos compartilham uma infância um pouco desleixada em relação as regras que regiam as mulheres no século XVIII, sobretudo após a morte do Sr. Earnshaw – a matriarca não aparece na narrativa - não tendo tanto interesse por coisas femininas como vestidos, cultura ou até mesmo limpeza, aproximando-se ainda mais de Heatcliff. A ausência da mãe, isto é, a orfandade, é uma

característica do *Bildungsroman* (feminino), o que leva a heroína a ter essa lacuna de uma tutora, por tal razão, costuma ser tutora de si mesma, como Cathy.

Na verdade, podemos observar a ausência dos pais de ambos os protagonistas, no caso de Heathcliff, eles nunca apareceram durante toda a obra, sendo órfão desde o início, e não tendo ninguém como papel de tutor. Esta figura típica do *Bildungsroman*, pode ser vista de forma aproximada e ineficiente no criado Joseph que dava algumas aulas de religião às crianças da casa, sendo o responsável pela formação religiosa deles.

Apesar da aproximação do pai de Cathy com o menino que acabara de trazer para casa, essa ligação durou pouco, pois logo após o patriarca também morre, deixando ambos os filhos biológicos órfãos e toda a propriedade e responsabilidades nas mãos do filho mais velho, Hindley, que colocou Heathcliff em papel de empregado e cuidador dos cavalos desde muito cedo, embora isso não tenha afastado os dois protagonistas, mas gerou a formação de Heathcliff na questão de classe e raça.

Entretanto, construída pela autora como se não houvesse distinção de raça ou classe social para a protagonista, pois sua formação de consciência de classe e raça não havia sido iniciada, Cathy se via como igual a Heathcliff em todos os aspectos, sobretudo por não ter supervisão em relação a condutas próprias para uma menina de sua classe social, pois ela podia ir para ao campo junto com um menino que nem ao menos era seu irmão biológico, e compartilhava a cama com ele e participava das brincadeiras como um igual a ele. Apesar de Cathy perceber a si mesma e a Heathcliff como iguais, para ele sempre foi muito claro, assim que chegou na propriedade, que não era bem-vindo:

Ela era apegada demais a Heathcliff. O maior castigo que alguém poderia inventar era separá-la dele: contudo ela era repreendida muito mais que qualquer um de nós por causa dele (BRONTË, 2018, p.83).

Um fato marcante para a formação sexual de Cathy, foi o casamento do seu irmão Hindley com Frances. Isso permitiu a Cathy ter em casa pela primeira vez um casal jovem, de sorte que ela pode ter diariamente contato com romance e sexualidade, pois com a perda da sua mãe e a idade avançada de seu pai, não havia mais nenhum contato amoroso no ambiente familiar que pudesse incidir sobre sua *bildung*/formação. A narrativa permite que se entenda que o casal sentar perto da lareira, o fogo faz alusão ao amor entre os dois, bem como suas conversas em voz baixa, fatos que deixavam Cathy um tanto quanto incomodada e pensativa:

Na verdade, ele queria colocar tapetes e papel de parede em uma saleta vazia para transformá-la em uma sala de estar; entretendo, sua esposa manifestou tamanho prazer ao ver o chão branco e a grade lareira faiscante, os pratos de estanho e os armários com prateleiras, e o canil e o amplo espaço de que ali se despunha, onde eles normalmente ficavam sentados (BRONTË, 2018, p.89).

Seguindo a linearidade da narrativa, podemos observar a construção do sentimento para além da amizade entre Cathy e Heathcliff, sendo esse o único motivo para o menino continuar suportando as ofensas e o trabalho pesado e humilhante a que era submetido, enquanto Cathy, apresenta dualidades em seus sentimentos por sua formação enquanto mulher ainda está em andamento.

Como uma das principais características do *Bildungsroman* é a viagem, a Granja da Cruz do Tordo, a propriedade vizinha, onde vivem os vizinhos ricos, os Linton, é para onde Cathy faz a sua primeira viagem, junto a Heathcliff, é apenas um passeio de ambos, não atendendo a um convite dos Lintons. A viagem, tem grande significado em ambas as formações dos protagonistas, tanto do ponto de vista feminino, quanto do ponto de vista masculino, mudando de acordo com gênero, pois como já foi apontado durante o trabalho, a *bildung* masculina está mais susceptível a grandes aventuras e viagens para a sua formação moral e intelectual. Já em sua forma feminina, a viagem pode ser somente uma representação para dar a entender a formação ou mudança profunda no caráter da personagem, pois,

Enquanto o herói do “Bildungsroman” passa por processo durante o qual se educa, descobre uma vocação e uma filosofia de vida e as realiza, a protagonista feminina que tentasse o mesmo caminho tornava-se uma ameaça ao status quo, colocando-se em uma posição marginal. Segundo as expectativas que a sociedade tinha em relação à mulher, portanto, seu “aprendizado” se daria dentro de um espaço bem delimitado. O “mundo exterior” responsável pela formação do herói do “Bildungsroman” seria, no caso da protagonista feminina, os limites do lar e da família, não havendo margem para o seu crescimento interior (PINTO, 1990, p. 13).

Dessa forma, a viagem é um ponto de mudança na vida de ambos, iniciando pela curiosidade de Cathy, de observar a casa dos Lintons e as crianças, Edgar e Isabella, que tinham um cômodo somente para si. Lá, juntamente com Heathcliff, ao ver o luxo e a beleza da casa por uma das janelas, Cathy ficou deslumbrada junto com Heathcliff com a riqueza dos Linton e suas vestimentas, a forma de falar, etc.

Ao ouvirem as risadas, Edgar e Isabella Linton notaram os dois invasores e avisaram ao seus pais que foram a procura deles. É neste momento que os cães de guarda dos Linton aparecem e, apesar

de não conseguirem capturar Heathcliff, conseguiram machucar profundamente a Cathy. Dessa forma, vendo que sua amada está machucada, eles param de correr e ficam à espera de alguém. Heathcliff logo percebe que sua presença naquele recinto, diferentemente de Cathy, não é bem-vinda:

- Coisa pavorosa! Coloque-o no sótão, papai. Ele é igual ao filho da mulher que lia a sorte e que roubou meu faisão domesticado, não é, Edgar? Enquanto eles me observam, Cathy recuperou os sentidos; ela me ouviu as últimas palavras e deu risada. Edgar Linton, depois de um olhar fixo e inquisitivo, teve presença de espírito suficiente para reconhecê-la. Ele nós vemos na igreja, você sabe, embora raramente nos encontramos em outro lugar (BRONTË, 2018, p. 94).

Dessa forma, ao encontrarem Cathy, ela logo foi reconhecida pelo Sr. Linton, e como Heathcliff não era considerado da família Earnshaw, por mais que convivesse e morasse com eles, é mal tratado e expulso imediatamente e separado de Cathy. Logo ao ser expulso, a sua formação enquanto raça, por ser tratado como alguém diferente ou até como um animal se consolida. Já Cathy, teve seu primeiro contato mais forte com a diferença racial e social entre eles, não entendendo porque ele estava sendo tratado daquela forma, pois, para ela, eles eram iguais.

Tal viagem muda profundamente Cathy, por ela ter passado uma temporada tentando se curar dos seus ferimentos na casa da família Linton, logo aprendeu os costumes deles e sua visão de mundo enquanto ingleses de classe social elevada, além de ter aprendendo a ser mais feminina com Isabella Linton. Este foi um marco para a formação de gênero e racial de Cathy, como a mulher inglesa que ela deveria ter sido desde o início da vida. A conduta deles, especialmente em inglesidade a fez observar agora as coisas de outra forma, de sorte que ao retornar para casa, passar a tratar os funcionários de modo diferente e se mostra mimada:

Nesse intervalo, a patroa lhe fez várias visitas e começou seu plano de reforma tentando aumentar o amor-próprio da menina, com roupas finas e adulações, as quais aceitou prontamente: e assim, ao invés de uma criaturinha selvagem e sem chapéu pulando dentro das casas [...] (BRONTË, 2018, p. 97).

Enquanto isso, Heathcliff estava sofrendo nas mãos de Hindley, pois sem Cathy ele tornou-se um empregado da casa de forma ainda mais opressora, o que fez aumentar ainda mais o ódio dele pelo “patrão”, e seu desejo de vingança, reforçando sua Bildung de uma forma, em que ele parece estar “involuído”, pois deixou de assistir as aulas de Joseph, e ficou aparentemente embrutecido para planejar a sua forma de vingança:

Não foi fácil descobrir Heathcliff, a princípio. Se ele era descuidado e ninguém se ocupava dele, antes da ausência de Catherine, a situação havia ficado dez vezes pior desde então (BRONTË, 2018, p. 98).

Com o embrutecimento de Heathcliff, e a volta de Cathy para o Morro dos Ventos Uivantes, o distanciamento entre eles, pela mudança de Cathy de se vestir e se portar era notória, logo, ele sentiu-se afrontado e intimidado pela nova mulher que tinha retornado para casa. Já Cathy, apesar de tratar Heathcliff com cordialidade e amor, como sempre tratou, agora enxergava as barreiras sociais entre os dois, sendo a época em que ficou com os Lintons determinante para isto, e tendo a iniciação da sua formação de raça, classe e gênero naqueles três meses longe de casa.

Assim, Heathcliff ao ver a insatisfação de Cathy sobre sua aparência suja, passa a tentar se tornar mais apresentável, porém sabe que nunca será melhor ou igual a Edgar Linton, apesar da diferença física notória entre os dois, e a diferença em masculinidade, uma vez que Edgar é a representação do homem inglês, frágil e emasculado, já Heathcliff, mesmo com os descuidos quanto a limpeza, continua sendo a representação da figura masculina e forte. Entretanto, Edgar tem a classe social e o sangue inglês que o favorecem de forma que o jovem estrangeiro a inveja, chegando a comentar com a criada Nelly que, “-Se o derrubasse vinte vezes, isso não faria que ele ficasse menos bonito ou eu mais bonito. Eu queria ter cabelos loiros e uma pele clara e me vestir e me comportar bem” (BRONTË, 2018, p.103).

Com as visitas de Edgar, a o Morro dos Ventos Uivantes para cortejar Cathy, a mudança de postura dela ficou cada vez mais mudada, de sorte que não vê mais Heathcliff com a mesma visão de irmão ou sendo igual a ela, mas percebe-o como olhos dos outros moradores da casa, ou seja, como alguém inferior. Mesmo o amando, ela sabia que não poderia construir uma história com ele pelas limitações sociais e raciais de ambos. Ao ver a aproximação de Edgar com Cathy, Heathcliff, por sua vez, ficou ainda mais embrutecido e, apesar de tentar aproximações com Cathy, a mudança dela após a viagem, ampliam cada vez mais as diferenças entre ambos.

Portanto, a partir dos encontros e a aproximação de Edgar com Cathy, a formação da protagonista enquanto mulher, ao se arrumar e esperar a chegada de Edgar, leva-a ao ponto fundamental de ser pedida em casamento. A partir daí a haveria uma aparente integração dela enquanto mulher na sociedade ao casar-se com um homem com riquezas e herança, visto que a integração social por meio do casamento é uma característica do *Bildungsroman*. Entretanto, ainda havia dualidade dentro dela mesma, pois Cathy realmente amava Heathcliff, porém como

ela comenta a Nelly, “seria degradante para mim casar com Heathcliff; por isso, ele nunca vai saber quanto eu o amo” (BRONTE.2018, p.136).

Então, ao ouvir parte da conversa entre ambas, em que Cathy revela ter aceito o pedido de casamento de Edgar, Heathcliff não tinha mais motivos para ficar no recinto, pois ao saber que sua amada nunca iria casar com ele. Dessa forma, uma das características da formação enquanto gênero, que contemplava a decepção amorosa como forma de crescimento:

Ao terminar de falar, eu me dei conta da presença de Heathcliff. Tendo percebido um movimento ligeiro, voltei minha cabeça e o vi levantando do banco e saindo discretamente, em silêncio (BRONTË, 2018, p. 137).

Ao ouvir a confissão de Cathy sobre eles, e o anúncio de que se casaria com Edgar, Heathcliff foge. A fuga dele e o desespero dela ao saber que ele ouviu parte da conversa são o ponto mais dramática da narrativa até então. Esta questão se constitui em um dos paradigmas do Bildungsroman que é a questão da decepção amorosa. Geralmente ela ocorre duas vezes, para só então, o herói ou a heroína encontrarem o amor verdadeiro. Neste caso, os protagonistas já haviam encontrado o amor verdadeiro, porém não poderiam vivê-lo. Por que razão, a decisão de Cathy se constitui em uma decepção amorosa para ambos, porque gera a ruptura deles. Após esperá-lo por algum tempo, Cathy perde as esperanças de que ele retornaria e se casa com Edgar.

4.2 Cathy e Heathcliff: formação na vida adulta

Com a fuga desiludida de Heathcliff, a concretização da decepção amorosa de Cathy é completa, sendo está a “chave de virada” para a protagonista se opor ao que sentia por ele e levar a efeito o casamento com Edgar, unicamente pelos bens e status social. Assim, ela irá tentar se integrar na sociedade através da união com Edgar:

- Ele vai ser rico e eu vou gostar de ser a mulher mais importante das redondezas, e vou sentir-se orgulho de ter um marido assim (BRONTË, 2018, p. 134).

Após a fuga de Heathcliff e a decepção amorosa dela em relação a Heathcliff e vice versa, ela se vê surpreendida com o retorno repentino do seu verdadeiro amado a o Morro dos Ventos Uivantes, três anos depois. Isto a deixa transtornada e traz de volta o interesse dela na

vida cotidiana com ele, mudando sua forma de agir, voltando aos padrões de antes de conhecer os Lintons:

- Não consigo dormir Ellen, - disse ela, à guisa de desculpa. – E quero um ser vivo que me faça companhia em minha alegria! (BRONTË, 2018, p.160).

Com o retorno de Heathcliff, podemos ver várias mudanças em relação a forma como ele era antes, pois era embrutecido, não tinha renda e não falava de forma culta ou tinha algum tipo de educação. Contudo, após a viagem que empreendeu para local não revelado, podemos ver que sua formação intelectual e financeira fora aprimorada, de forma misteriosa, pois a autora mantém oculta tudo o que se passou com ele no período de ausência. Apesar do novo Heathcliff ser rico, bem vestido como um cavalheiro, com bons modos, ao chegar na residência dos Linton, não há mudanças em relação a forma de tratamento dos Linton para com ele. Edgar censura Cathy por recebê-lo bem, como se ele fosse um irmão, porque para ele, o visitante não passava de um criado. Em resposta a isto, Cathy pede outra mesa para ela e Heathcliff, justificando ironicamente que ambos são da plebe:

-Não- acrescentou ela depois de alguns instantes- eu não posso me sentar na cozinha. Arrume duas mesas aqui, Ellen; uma para seu patrão e a Sta. Isabella, que são fidalgos; e outra para mim e para Heathcliff, que pertencemos as classes inferiores (BRONTË, 2018, p.158).

A chegada de Heathcliff faz o entusiasmo de Cathy ser renovado para com ele ao ponto de ela mesma perceber a diferença de virilidade entre os dois homens, considerando Heathcliff “bem apessoado, diferente de Edgar que tinha traços mais infantis” (BRONTE, 2018, p.163). Em tudo Edgar é retratado como fraco e medroso, em oposição à profunda virilidade de Heathcliff. O retorno dele encontra uma Cathy casada e naquela mesma noite, a narrativa destaca que Edgar chorou na cama, uma referência sutil a algo de diferente no comportamento de Cathy, o que permite a leitura de que sua *bildung* sexual sofreu alteração em razão do retorno do seu amado.

Apesar da obra ter sido publicada em 1847, as regras morais vigentes, além de restringirem o papel da mulher na sociedade, discutir sobre sexualidade era mal visto, logo, toda a formação sexual dos protagonistas fica nas entrelinhas do romance, dando a entender que, por óbvio, no caso de Cathy se iniciou logo quando ela se casou, porém, com a volta de Heathcliff, o seu entusiasmo resplandecia para todos os aspectos da vida.

Heathcliff, por sua vez, se reaproximou da sua amada Cathy, porém conquistou olhares de Isabella Linton, que fantasiou um romance com ele, transformando tal fantasia em casamento, e fugindo para viver com ele em o Morro dos Ventos Uivantes, dando a Heathcliff o passo para adentrar a sociedade como um homem tradicional casado. Embora este casamento era para ele apenas uma forma de vingança de Cathy e Edgar:

Sua nova forma de preocupação teve origem em uma infelicidade imprevista, o fato de Isabella Linton demonstrar uma súbita e irresistível atração pelo hóspede tolerado[.] (BRONTË, 2018, p.164).

Apesar do desinteresse claro de Heatcliff pela moça, vemos o desespero de Cathy ao saber do envolvimento dela com Heathcliff, ao ponto de ficar extremamente enciumada, porém, não podendo realmente dizer o motivo pelo qual estava incomodada com toda a situação, demonstrando um comportamento jamais visto por seu esposo, mostrando que a dualidade nos seus sentimentos está afetando a ela psicologicamente, de forma que a deixa “fora de si”:

Garanto que estava- retrucou ela- ela tem sofrido por sua causa há semanas e hoje pela manhã parecia ter perdido a razão; e despejou uma torrente de insultos porque lhe apresentei seus defeitos com clareza [...] (BRONTË, 2018, p.164).

Logo após o retorno de Heathcliff, Cathy engravidou de Edgar, porém isto não é explanado na obra de forma clara, por remeter a formação sexual da protagonista, não sendo de bom tom discutir sobre sexualidade naquela época. Dessa forma, pela alteração que veio juntamente com a gravidez e o destemperamento que Heathcliff trouxe, ela tem seu pior momento, após a penúltima visita dele, em que ambos os homens de sua vida se insultaram, chegando ao ponto de ocorrer briga física entre Edgar e Heathcliff:

- E você acha que vou embora com aquele soco queimando na minha goela?
- urrou ele- mas que inferno, não! (BRONTË, 2018, p.196).

O encontro acalorado, vemos a evolução do relacionamento de Heathcliff e Isabella, o que, por óbvio, dá início a Bildung sexual do protagonista, em que da mesma forma de Cathy, não é mencionada diretamente na narrativa, porém podemos supor pelo casamento e pela reação de sua esposa, sete dias pós noite de núpcias em que ela questiona se “O Sr. Heathcliff é um homem? Se for, ele é louco? e se não for, é um demônio? não vou lhe dizer minhas razões para

fazer tal pergunta “(BRONTË, 2018, p. 217). A postura violenta de Heathcliff é uma marca dos romances góticos, dentro da forma de tratamento pós casamento da parte dele para com Isabella Linton.

Assim como houve uma aparente integração social de Cathy, isto ocorre também por meio da instituição do casamento com Heathcliff. Na verdade, os dois não se encaixam na sociedade, uma vez que ela morrerá na ocasião do parto e Isabella se separará dele em pouco tempo.

Quanto à Cathy, sua *bildung* em relação à gravidez não é destacada, visto que o foco está ajustado para sua *bildung* enquanto mulher no sentido de estar sofrendo a pressão de estar casada com um homem bom que a ama, mas que ela não ama o suficiente, visto amar a Heathcliff profundamente. O conflito diz respeito ao fato de Cathy ser incapaz de trair Edgar e cometer adultério com seu amado. A fragilidade da gravidez e toda a tensão afetam seriamente sua psique, fato que a levará a oscilar entre a sanidade e a insanidade (DIAS, 2011), uma característica do *Bildungsroman* feminino, pois ressalta a incapacidade da protagonista integrar-se socialmente de maneira plena:

Catherine estava dormindo em um sono perturbado; o marido havia conseguido acalmar o acesso de fúria. Ele agora estava debruçado sobre o travesseiro dela sobre e cada mudança em suas feições dolorosamente expostas (BRONTË, 2018, p. 2010) .

Sendo parte do paradigma do *Bildungsroman* feminino, a virada de fortuna da mulher pela não integralização social ou a loucura, diferente do tradicional, quando ocorre a integração total do homem dentro na sociedade burguesa, a mulher tenta atingir o mesmo patamar de integração, porém é impedida pelas limitações impostas ao seu gênero. Dessa forma, a derrocada de Cathy durante sua gravidez, com a mudança de estados de espírito, os delírios em que ela “volta “para sua infância no Morro, e o seu desejo por Heathcliff, que transparece, tudo isso a faz perceber o quão insustentável sua vida com Edgar e sem Heathcliff será.

Como ápice para o desfecho trágico, e destacando ainda mais aspectos do subgênero em estudo, na sua versão feminina, será o último encontro dela com Heathcliff, pois Cathy está na reta final da gravidez, embora não se entenda como mãe, visto que sua *bildung* como mãe é truncada, uma vez que ela não se importa com o bebê que espera de Edgar e morre no parto. Com a visita de Heathcliff, que invadiu seu quarto pela janela (Edgar o havia expulsado de sua

casa por perceber a ligação dele com sua esposa), uma verdadeira metáfora sobre algo proibido entre eles, sendo um intruso naquela situação e iniciando um discurso caloroso com Cathy:

com uma ansiedade, cheia de tensão, Catherine olhou na direção da entrada de seu quarto. Ele não acertou na hora qual era o cômodo. Ela me fez um sinal para fazê-lo entrar, mas ele descobriu qual era antes que eu pudesse alcançar a porta e em poucos passos, ele estava frente a frente com ela, tomando-a nos braços (BRONTË, 2018, p. 219).

Este é, de fato, o ápice da formação sexual de ambos, pois pela primeira vez se tocam como homem e mulher, em um êxtase de prazer notável, embora não cheguem a consumir o que desejam fazer. Logo que se encontra com Heathcliff, ocorre o primeiro e único beijo e abraços trocados pelo casal, após muita discussão, que inferimos como a tensão sexual entre ambos, canalizada para a discussão. Esta é a culminância para o fim trágico e o truncamento da formação de Cathy enquanto mulher, pois a partir do beijo, ela teve certeza que não conseguiria existir longe de Heathcliff, porém, sua moralidade a impediria de trair seu marido, logo não existia mais saída viável para ela, a não ser a morte, à qual ela busca por ocasião do parto iminente.

A morte foi a única saída viável para concluir o arco da protagonista, porém, em sua formação há o truncamento, que é uma característica dos romances de formação femininos, de acordo com Pinto (1992), a personagem por mais que esteja casada e supostamente preenchida nas normas sociais, a liberdade que é realmente ofertada, não é suficiente, trazendo a morte como solução e não encerrando a formação e não fechando o arco da protagonista:

Ela desmaiou e morreu- pensei- é tanto melhor. Muito melhor ela está morta que ficar moribunda, como um fardo e uma fonte de desgostos para todos que estão ao seu redor (BRONTË, 2018, p. 256).

Após saber da morte de sua amada e a notícia do nascimento da filha dela, Heathcliff teve a sua segunda decepção amorosa, não conseguindo se recuperar de tal perda, em contrapartida, vendo seu filho com Isabella crescer (ela engravidou logo após o casamento e fugiu para Londres. Anos depois, com sua morte, o filho passa a ser criado por Heathcliff), e tendo que lidar com as dificuldades por ter problemas com ele, inclusive, tendo como maior conflito, o casamento entre seu filho e a filha de Cathy anos depois, logo não conseguindo conciliar tais sentimentos.

A formação de Heathcliff é encerrada pelo ressurgimento do fantasma de Cathy, mais uma característica gótica na obra. Ainda fascinado pela lembrança da amada, ao saber do fantasma de uma mulher no quarto em que ambos compartilharam na infância, ele se encerra ali dentro e morre durante a noite. Os vizinhos relatam que viriam o fantasma do casal nos campos por onde eles brincavam na infância:

- Qual o problema meu rapazinho? -perguntei – É o Heathcliff co'uma mulher que tão lá no topo do morro – soluçou ele-, eu num tenho corage de passá por eles (BRONTË, 2018, p. 513).

Após a morte de Cathy, Heathcliff tem sua *bildung* completa, pois é pai e se tornaria sogro da filha de Cathy anos depois. Ele vive cada etapa e quase duas décadas após a partida de sua amada.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O morro dos ventos uivantes, apesar da época em que foi escrito, é uma obra à frente do seu tempo, por abordar assuntos restritos na época, além de destacar o processo de formação de dois protagonistas de sexos diferentes, mostrando a evolução de cada um desde a infância, até adolescência e a vida adulta. A autora dedicou-se a um subgênero do romance ainda pouco conhecido, o *Bildungsroman* (feminino), ampliando em sua prosa poética, as características do *Bildungsroman*, sendo toda obra sobre a formação intelectual e moral de seus protagonistas.

Vemos que além do gênero gótico, há um enfoque no *Bildungsroman*, sendo Brontë uma das pioneiras a se aventurar em tal estética, mostrando a formação de Cathy e Heathcliff com as dualidades de cada personagem, e todas as formas de evolução dos protagonistas, tanto em sua forma tradicional (a masculina) quanto em sua forma desviada, a feminina, fato que contribuiu para a ampliação do paradigma. Brontë, portanto, ultrapassa os limites até então do *Bildungsromans* tradicional e do feminino, os quais mostravam somente o desenvolvimento do herói ou da heroína.

Em *O morro dos ventos uivantes* são abordadas várias temáticas feministas de uma escritora do século XIX, a exemplo das limitações para a figura feminina, o enclausuramento dela na esfera do casamento, as pressões contra o envolvimento com alguém de raça e classe inferior.

Por ser de pai estrangeiro - Patrick Brontë era um imigrante irlandês na Inglaterra - Emily Brontë entendia bem o preconceito sofrido pelos “outros”, isto é, por povos tidos como inferiores pelos ingleses, de sorte que seu romance expõe e denuncia o sofrimento de Heathcliff da infância à maturidade na Inglaterra, fato que incide sobre toda a formação moral, intelectual, de gênero, racial, sexual e financeira dele, ao tempo em que seu par ontológico, Cathy, é formada e reformada.

Assim, percebemos que a obra, além de pioneira na escrita feminina, acolhendo um novo subgênero do romance, o *Bildungsroman*, aliando-o à subversiva estética gótica, traz a formação dupla de ambos os protagonistas, transcendendo as noções culturais fixas inglesas, de sorte que sua obra transcende o tempo e permanece atual em um mundo cada vez mais multicultural e transnacional.

6. REFERÊNCIAS

- ALCOTT, L. M. *Little women*. New York: Penguin Books. 1994.
- AUSTEN, J. *Emma*. Tradução e notas: Adriana Sales Zardini, São Paulo: Martin Claret, 2012. (Coleção Jane Austen vol. 4).
- AUSTEN, J. *Orgulho e Preconceito*. Tradução: Lúcio Cardoso. Rio de Janeiro: Editora Bestbolso, 2010.
- AUSTEN, J. *Razão e Sensibilidade*. Tradução: Livia Bono. São Paulo: Editora Pé da Letra, 2018.
- AUSTEN, J. *Persuasão*. Tradução: Livia Bono. São Paulo: Editora Pé da Letra, 2018.
- BRONTË, E. *O Morro dos Ventos Uivantes*. Tradução: Solange Pinheiro. São Paulo: Martin Claret LTDA. 1.ed. 2014.
- BRONTË, C. *Jane Eyre*. Tradução: Adriana Lisboa. Rio de Janeiro: Editora Zahar. 1. Ed. 2018.
- BOLLE, Willi. 2004. *grandesertão.br: o romance de formação do Brasil*. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34.
- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. *Estética da criação verbal*. Tradução: Maria Ermantina Galvão Gomes Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- DANTAS, M. L. G.; *Emma, de Jane Austen: Um Bildungsroman Feminino*. Monografia (Especialização em Estudos Literários) – Universidade Federal de Campina Grande. Cajazeiras – PB, 2016. 84f.
- DIAS, Daise Lilian. Fonseca. O pensionato Heger na formação literária das irmãs Brontë. In: Anais do V Colóquio Internacional Cidadania Cultural. Campina Grande, 2011.
- DIAS, Daise Lilian Fonseca. *A subversão das relações coloniais em O morro dos ventos uivantes: questões de gênero*. João Pessoa: UFPB, 2011.
- LEITE, Maria do Rosário S. *A ficção asiático-canadense de Joy Kogawa e Gurjinder Basran: O Bildungsroman no espaço transcultural*. João Pessoa: UFPB, 2015.
- GUIMARÃES, Eunice. Uma leitura da sátira como crítica social em Viagens de Gulliver. In: Interfaces. Santa Cruz, Guarapuava, Vol.1. 2010.
- GALBIATI, Maria. *(Trans)formação e representação da mulher no Bildungsroman feminino contemporâneo*. São Paulo: Estudos Literários, 2011.

GOODMAN, Charlotte. The lost brother, the twin: women novelists and the male-female double Bildungsroman. In: *Novel: a forum on fiction*, vol. 17, No.1 (Autumn, 1983), pp. 28-43.

MARTINS, Tiago. Notas sobre o romance e sobre a teoria do romance: a questão da condição humana em um gênero que ainda vive. In: *RevLet – Revista Virtual de Letras*, v. 04, nº 02, ago/dez, Rio Grande do Sul, 2012.

MAAS, Wilma. P. M. D.; *O cânone mínimo: O Bildungsroman na história da literatura*. Editora Unesp, São Paulo. 2000.

NETO, Arthur. A “Fenomenologia do Espírito” de Hegel e “Os anos de aprendizagem de Wilhelm Meister” de Goethe. In: *Controvérsia – Vol 4*, Pernambuco: 2008.

OLIVEIRA, Manoela. Crítica ao conceito Bildungsroman In: *Revista Investigações*. Vol. 26, nº 1. 16 de outubro de 2013.

QUINTALE, Flavio, N. Para uma interpretação do conceito de Bildungsroman. *Pandaemonium Germanicum*. In: *Revista de Estudos Germanísticos*, n. 9, Universidade de São Paulo, 2005, pp. 185-205.

SILVA, Suênio et al. O feminino na Literatura Vitoriana: uma análise entre Jane Eyre, de Charlotte Brontë e *The Mill on the Floss* de George Eliot. In: *Revista Letras Raras* Vol. 5, Ano 5, Nº 1 – Campina Grande: 2016

SCHWANTS, Cíntia. Narrativas de formação contemporânea: uma questão de gênero. In: *Estudos de Literatura Contemporânea. Brasília*, nº 30, julho-dezembro de 2007.

SCHWANTES, Cíntia. Interferindo no cânone: a questão do Bildungsroman feminino com elementos góticos. Porto Alegre: UFRS (Tese de Doutorado sob orientação da Profa. Dra. Rita T. Schmidt), 1998.

SELBMANN, Rolf. 1988. Introdução. Em Selbmann, Rolf (Org.): *Sobre a história de Bildungsroman alemão*. Darmstadt: Scientific Book Society, p.1-44.

SWIFT, J. *Viagens de Gulliver*. Tradução, adaptação e notas: Paulo Sérgio de Vasconcellos. São Paulo: Editora Sol. 3 ed. 2006.

WOOLF, Virginia. *Um teto todo seu*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

WOOLF, Virgínia. *Mulheres e ficção*. São Paulo: Penguin e Companhia das letras, 2019.

WOLLSTONECRAFT, Mary. *A vindication of the rights of woman: with structures on political and moral subjects*. New York: G. Vale, 1845.

GOETHE, W. V. *Os Anos de Aprendizado de Wilhelm Meister*. São Paulo: Ensaio.

MILL, John Stuart. *A sujeição das mulheres*. Tradução de Débora Ginza. São Paulo. Ed. Escala, 2006.

PRATT, Annis. *Archetypal patterns in women's fiction*. Bloomington: Indiana University Press, 1981.

PATMORE, Coventry. *The angel in the house*. London: Cassell and Co., 1887.

PINTO, C. F.; *O Bildungsroman Feminino: Quatro exemplos brasileiros*. Editora Perspectiva, São Paulo. 1990.

IWAMI, Sylvia. *Crueldade e melancolia em O morro dos ventos uivantes, de Emily Bronte*. Manaus: (Tese) UFAM, 2016.

DICKENS, Chales. *David Copperfield*. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2019.

HARDY, Thomas. *Judas O Obscuro*. São Paulo: Penguin e Companhia das letras, 2019.